

A Confissão de Lúcio

Mário de Sá-Carneiro

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A Confissão de Lúcio

Mário de Sá-Carneiro



A CONFISSÃO DE LÚCIO



Mário de Sá-Carneiro



A CONFISSÃO DE LÚCIO



Mário de Sá-Carneiro


PROJECTO ADAMASTOR
LDA



A Confissão de Lúcio

Mário de Sá-Carneiro



Ficha Técnica

Título: A Confissão de Lúcio

Autor: Mário de Sá-Carneiro

Data Original de Publicação: 1914

Data Publicação eBook: 2013

Capa: Ana Ferreira

Imagem de Capa: *Flirt*, de Alfons Mucha **Revisão:** Ricardo Lourenço

Esta obra foi revista segundo o Acordo Ortográfico de 1945, com base na digitalização disponível na [Biblioteca Digital da Casa Fernando Pessoa](#).

Este trabalho foi licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-

[Com partilhaIgual 3.0 Não Adaptada](#).

Índice

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Mário de Sá-Carneiro, por Fernando Pessoa

A António Ponce de Leão

...assim éramos nós obscuramente dois, nenhum de nós sabendo bem se o outro não era ele-próprio, se o incerto outro viveria...

Fernando Pessoa

Na Floresta do Alheamento

C umpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, entanto, nunca me defendi; morto para a vida e para os sonhos; nada podendo já esperar e coisa alguma desejando — eu venho fazer enfim a minha confissão: isto é: demonstrar a minha inocência.

Talvez não me acreditem. Decerto que não me acreditam. Mas pouco importa.

O meu interesse hoje em gritar que não assassinei Ricardo de Loureiro, é nulo.

Não tenho família; não preciso que me reabilitem. Mesmo, quem esteve dez anos preso, nunca se reabilita. A verdade simples, é esta.

E àqueles que, lendo o que fica exposto, me perguntarem: « — Mas porque não fez a sua confissão quando era tempo? porque não demonstrou a sua inocência ao tribunal?» — a esses responderei: — A minha defesa era impossível. Ninguém me acreditaria. E fora inútil fazer-me passar por um embusteiro ou por um doido...

Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vira envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente.

Era o esquecimento, a tranquilidade, o sono. Era um fim como qualquer outro —

um termo para a minha vida devastada. Toda a minha ânsia foi pois de ver o processo terminado e começar cumprindo a minha sentença.

De resto, o meu processo foi rápido. Oh! o caso parecia bem claro... Eu nem negava nem confessava. Mas quem cala consente... E todas as simpatias estavam do meu lado.

O crime era, como devem ter dito os jornais do tempo, um «crime passionnal».

Cherchez la femme. Depois, a vítima um poeta — um artista. A mulher romantizara-se desaparecendo. Eu era um herói, no fim de contas. E um herói com seus laivos de mistério, o que mais me aureolava. Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes. E a minha pena foi curta.

Ah! foi bem curta — sobretudo para mim... Esses dez anos esvoaçaram-se-me como dez meses. É que, em realidade, as horas não podem mais ter acção sobre aqueles que viveram um instante que focou toda a sua vida. Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer. Vibradas as sensações máximas, nada já nos fará oscilar. Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem. As que o viveram ou são, como eu, os mortos-vivos, ou — apenas — os desencantados que, muita vez, acabam no suicídio.

Contudo, ignoro se é felicidade maior não se existir tamanho instante. Os que o não vivem, têm a paz — pode ser. Entretanto não sei. E a verdade é que todos esperam esse momento luminoso. Logo, todos são infelizes. Eis pelo que, apesar de tudo, eu me orgulho de o ter vivido.

Mas ponhamos termo aos devaneios. Não estou escrevendo uma novela.

Apenas desejo fazer uma exposição clara de factos. E para a clareza, vou-me lançando em mau caminho — parece-me. Aliás, por muito lúcido que queira ser, a minha confissão resultará — estou certo — a mais incoerente, a mais

perturbadora, a menos lúcida.

Uma coisa garanto porém: Durante ela não deixarei escapar um pormenor, por mínimo que seja, ou aparentemente incaracterístico. Em casos como o que tento explicar, a luz só pode nascer duma grande soma de factos. E são apenas factos que eu relatarei. Desses factos, quem quiser, tire as conclusões. Por mim, declaro que nunca o experimentei. Endoideceria, seguramente.

Mas o que ainda uma vez, sob minha palavra de honra, afirmo é que só digo a verdade. Não me importa que me acreditem, mas só digo a verdade — m esm o quando ela é inverosím il.

A minha confissão é um mero documento.

I

Por 1895, não sei bem como, achei-me estudando Direito na Faculdade de Paris, ou m elhor, não estudando. Vagabundo da m inha m ocidade, após ter tentado vários *fins* para a m inha vida e de todos igualm ente desistido — sedento de Europa, resolvera transportar-m e à grande capital. Logo m e em brenhei por m eios m ais ou m enos artísticos, e Gervásio Vila-Nova, que eu m al conhecia de Lisboa, volveu-se-m e o com panheiro de todas as horas. Curiosa personalidade essa de grande artista falido, ou antes, predestinado para a falência.

Perturbava o seu aspecto físico, m acerado e esguio, e o seu corpo de linhas quebradas tinha estilizações inquietantes de fem inilism o histérico e opiado, um as vezes — outras, contrariam ente, de ascetism o am arelo. Os cabelos com pridos, se lhe descobriam a testa am pla e dura, terrível, evocavam cilícios, abstenções roxas; se lhes escondiam a fronte, ondeadam ente, eram só ternura, perturbadora ternura de espasm os dourados e beij os subteis. Traj ava sem pre de preto, fatos largos, onde havia o seu quê de sacerdotal — nota m ais frisantem ente dada pelo colarinho direito, baixo, fechado. Não era enigm ático o seu rosto — m uito pelo contrário, se lhe cobriam a testa os cabelos ou o chapéu. Entanto, coisa bizarra, no seu corpo havia m istério — corpo de esfinge, talvez, em noites de luar. Aquela criatura não se nos gravava na m em ória pelos seus traços fisionóm icos, m as sim pelo seu estranho perfil. Em todas as m ultidões ele se destacava, era olhado, com entado — em bora, em realidade, a sua silhueta à prim eira vista parecesse não se dever salientar notavelm ente: pois o fato era negro — apenas dum talhe um pouco exagerado — os cabelos não escandalosos, ainda que longos; e o chapéu, um *bonet* de fazenda — esquisito, era certo — m as que em todo o caso m uitos artistas usavam , quase idêntico.

Porém , a verdade é que em redor da sua figura havia um a auréola. Gervásio Vila-Nova era aquele que nós olham os na rua dizendo: ali, deve ir *alguém*.

Todo ele encantava as m ulheres. Tanta rapariguinha que o seguia de olhos fascinados quando o artista, sobranceiro e esguio, investigava os

cafés... Mas esse olhar, no fundo, era mais o que as mulheres lançam a um a criatura do seu sexo, formosíssima e luxuosa, cheia de pedrarias...

— Sabe, meu caro Lúcio — dissera-me o escultor, muitas vezes — não sou eu nunca que possuo as minhas antes; elas é que me possuem ...

Ao falar-nos, brilhava ainda mais a sua chama. Era um conversador admirável, adorável nos seus erros, nas suas ignorâncias, que sabia defender intensamente, sem previr vitorioso; nas suas opiniões revoltantes e belíssimas, nos seus paradoxos, nas suas blagues. Um a criatura superior — ah! sem dúvida. Um a destas criaturas que se enclavinham na memória — e nos perturbam, nos obcecamos. Todo fogo! todo fogo!

Entretanto, se o examinavam os com a nossa inteligência, e não apenas com a nossa vibratibilidade, logo viam os que, infelizmente, tudo se cifrava nessa auréola, que o seu gênio — talvez por demasiado luminoso — se consumir ia a si próprio,

incapaz de se condensar numa obra — disperso, quebrado, ardido. E assim aconteceu, com efeito. Não foi um falhado porque teve a coragem de se despedaçar.

A um a criatura com o aquela não se podia ter afecto, em bora no fundo ele fosse um excelente rapaz; mas ainda hoje evoco com saudade as nossas palestras, as nossas noites de café — e chego a convencer-me que, sim, realmente, o destino de Gervásio Vila-Nova foi o mais belo; e ele um grande, um genial artista.

Tinha muitas relações no meio artístico o meu amigo. Literatos, pintores, músicos, de todos os países. Um a manhã, entrando no meu quarto, desfechou-me:

— Sabe, meu caro Lúcio, apresentaram-me ontem um a americana muito interessante. Calcule, é um a mulher riquíssima que vive num palácio que propositadamente fez construir no local onde existiam dois grandes prédios que ela mandou deitar abaixo — isto, imagine você, em plena Avenida do Bosque de Bolonha! Um a mulher linda. Nem calcula. Quem me a apresentou foi aquele pintor americano dos óculos azuis. Recordase? Eu não sei com o ele se chama...

Podem o-la encontrar todas as tardes no Pavilhão de Arménonville. Costuma ir lá tomar chá. Quero que você a conheça. Vá ver.

Interessantíssima!

No dia seguinte — um a esplêndida tarde de Inverno, tépida, cheia de sol e céu azul — tom ando um fiacre, lá nos dirigim os ao grande restaurante. Sentám o-nos; m andou-se vir chá... Dez m inutos não tinham decorrido, quando Gervásio m e tocava no braço. Um grupo de oito pessoas entrava no salão — três m ulheres, cinco hom ens. Das m ulheres, duas eram loiras, pequeninas, de pele de rosas e leite; de corpos harm oniosos, sensuais — idênticas a tantas inglesas adoráveis.

Mas a outra, em verdade, era qualquer coisa de sonhadam ente, de m isteriosam ente belo. Um a criatura alta, m agra, dum rosto esguio de pele dourada — e uns cabelos fantásticos, dum ruivo incendiado, alucinante. A sua form osura era um a destas belezas que inspiram receio. Com efeito, m al a vi, a m inha im pressão foi de m edo — dum m edo sem elhante ao que experim entam os em face do rosto de alguém que praticou um a acção enorm e e m onstruosa.

Ela sentou-se em ruído; m as logo, vendo-nos, correu estendendo as m ãos para o escultor:

— Meu caro, m uito prazer em o encontrar... Falaram -m e ontem m uito bem de si... Um seu com patriota... um poeta... M. de Loureiro, j ulgo...

Foi difícil adivinhar o apelido português entre a pronúncia m esclada.

— Ah... Não o sabia em Paris — m urm urou Gervásio.

E para m im , depois de m e haver apresentado à estrangeira:

— Você conhece? Ricardo de Loureiro, o poeta das *Brasas*...

Que nunca lhe falara, que apenas o conhecia de vista e, sobretudo, que adm irava intensam ente a sua obra.

— Sim ... não discuto isso... você bem vê, para m im j á essa arte passou. Não m e pode interessar... Leia-m e os *selvagens*, hom em , que diacho!...

Era um a das *scies* de Gervásio Vila-Nova: elogiar um a pseudo-escola literária da últim a hora — o *Selvagismo*, cuj a novidade residia em os seus livros serem im pressos sobre diversos papéis e com tintas de várias cores, num a estram bótica disposição tipográfica. Tam bém — e eis o que m ais entusiasma va o m eu am igo

— os poetas e prosadores *selvagens*, abolindo a ideia, « esse escarro », traduziam as suas em opções unicas em j ogo silábico, por onomatopeias raspadas, bizarras: criando m esm o novas palavras que coisa algum a significavam e cuj a beleza, segundo eles, residia j ustam ente em não significarem coisa algum a... De resto, até aí, parece que apenas se publicara um livro dessa escola. Certo poeta russo de nom e arrevesado. Livro que Gervásio seguram ente não lera, m as que todavia se não cansava de exalçar, gritando-o assom broso, genial...

A m ulher estranha cham ou-nos para a sua m esa, e apresentou-nos os seus com panheiros que ainda não conheciam os: o j ornalista Jean Lam y, do *Figaro*, o pintor holandês van Derk e o escultor inglês Tom ás Westwood. Os dois outros eram o pintor am ericano dos óculos azuis e o inquietante viscondezinho de Naudières, louro, diáfano, m aquilado.

Quanto às duas raparigas, lim itou-se apontando-nos:

— Jenny e Dora.

A conversa logo se entabulou ultra-civilizada e banal. Falou-se de m odas, discutiu-se teatro e m usic-hall, com m uita arte à m istura. E quem m ais se distinguiu, quem em verdade até exclusivam ente falou, foi Gervásio. Nós lim itávam o-nos — com o acontecia com todos, perante ele, perante a sua intensidade — a ouvir, ou, quando m uito, a protestar. Isto é: a dar ensej o para que ele brilhasse...

— Sabe, m eu querido Lúcio — um a vez contara-m e o escultor — o Fonseca diz que é um *ofício* acom panhar-m e. E um a arte difícil, fatigante. É que eu falo sem pre; não deixo o m eu interlocutor repousar. Obrigoo a ser intenso, a responder-m e... Sim , concordo que a m inha com panhia sej a fatigante. Vocês têm razão.

Vocês — note-se em parêntese — era todo o m undo, m enos Gervásio... E o Fonseca, de resto, um pobre pintorzinho da Madeira, « pensionista do Estado », de barbichas, lavallière, cachim bo — sem pre calado e oco, olhando nostalgicam ente o espaço, à procura talvez da sua ilha perdida... Um santo rapaz!

Depois de m uito se conversar sobre teatro e de Gervásio ter proclamado que os actores — ainda os m aiores, com o a Sara, o Novelli — não passavam de m eros cabotinos, de m eros intelectuais que *aprendiam* os seus papéis, e de garantir — « creiam os m eus am igos que é assim » — que a verdadeira arte apenas existia entre os saltim bancos; esses *saltimbancos* que eram um dos seus estribilhos e sobre os

quais, na noite em que nos encontráramos em Paris, logo me e narrara, em confiança, uma história tétrica: o seu rapto por um companheiro de pelotiqueiros, quando tinha dois anos e os pais o haviam mandado, barbaramente, para uma aldeia da Serra da Estrela, um velho oleiro, do qual, sem dúvida, ele herdara a sua tendência para a escultura e de quem, na verdade,

devido a uma troca de berços, era até muito possível que fosse filho — a conversa deslizou, não sei como, para a voluptuosidade na arte.

E então a americana bizarra logo protestou:

— Acho que não devem discutir o papel da voluptuosidade na arte porque, meus amigos, a voluptuosidade é uma arte — e, talvez a mais bela de todas.

Porém, até hoje, raros a cultivaram nesse espírito. Venham cá, digam-me: fremir em espasmos de aurora, em êxtases de chama, ruídos de ânsia — não será um prazer bem mais arrepiado, bem mais intenso do que o vago calafrio de beleza que nos pode proporcionar uma tela genial, um poema de bronze? Sem dúvida, acreditem-me. Entretanto o que é necessário é saber vibrar esses espasmos, *saber provocá-los*. E eis o que ninguém sabe; eis no que ninguém pensa. Assim, para todos, os prazeres dos sentidos são a luxúria, e se resumem em alguns plexos brutais, em beijos húmidos, em carícias repugnantes, viscosas. Ah!

mas aquele que fosse um grande artista e que, para matéria-prima, tomasse a voluptuosidade, que obras irreais de admiráveis não altearia!... Tinha o fogo, a luz, o ar, a água, e os sons, as cores, os aromas, os narcóticos e as sedas — tantos sensualismos novos ainda não explorados... Com o eu me orgulharia de ser esse artista!... E sonho uma grande festa no meu palácio encantado, em que os maravilhas de volúpia... em que fizesse descer sobre vós os arrepios misteriosos das luzes, dos fogos multicolores — e que a vossa carne, então, sentisse enfim o fogo e a luz, os perfumes e os sons, penetrando-a e dominando-a, a esvaí-los, a matá-los!... Pois nunca atentaram na estranha voluptuosidade do fogo, na perversidade esguia da água, nos requintes viciosos da luz?... Eu confesso-lhes que sinto uma verdadeira excitação sexual — *mas de desejos espiritualizados de beleza* — ao me ergulhar as minhas pernas todas nuas na água dum regato, ao contemplar um braseiro incandescente, ao deixar o meu corpo iluminar-se de torrentes eléctricas, luminosas... Meus amigos, creiam-me, não passam duns bárbaros, por mais requintados, por mais complicados e artistas que presumam aparentar!

Gervásio insurgiu-se: « Não; a voluptuosidade não era um a arte. Falassem -lhe do ascetismo, da renúncia. Isso sim !... A voluptuosidade ser um a arte?

Banalidade... Toda a gente o dizia ou, no fundo, mas não ou mas não o pensava.»

E por aqui fora, adoravelmente dando a entender que só por se lhe afigurar essa a opinião mas não geral, ele a combatia.

Durante toda a conversa, apenas quem nunca arriscara um a palavra tinham sido as duas inglesinhas, Jenny e Dora — sem tam bém despregarem ainda de Gervásio, um só instante, os olhos azuis e louros.

Entretanto as cadeiras haviam -se deslocado e, agora, o escultor sentava-se junto da americana. Que belo grupo! Com os seus dois perfis se casavam bem na mesma asombra esbatidos — duas feras de amor, singulares, perturbadoras, evocando um odoradamente perfumes esfíngicos, luas amarelas, crepúsculos de roxidão. Beleza, perversidade, vício e doença...

Mas a noite descera. Um par de amarelos do grande mundo entrava a refugiar-se no célebre estabelecimento, quase deserto pelo Inverno.

A americana excêntrica deu o sinal de partida; e quando ela se ergueu eu notei, duvidosamente notei, que calçava umas estranhas sandálias, nos pés nus...

nos pés nus de unhas douradas...

Na Porte Maillot, tomamos o tramway para Montparnasse, começando Gervásio:

— Então, Lúcio, que lhe pareceu a minha americana?

— Muito interessante.

— Sim ? Mas você não deve gostar daquela gente. Eu com preendo bem . Você é um a natureza simples, e por isso...

— Ao contrário — protestava eu em idiotice — admiramos muito essa gente.

Acho-os interessantíssimos. E quanto à minha simplicidade...

— Ah, pelo meu lado, confesso que os adoro... Sou todo ternura por eles. Sinto tantas afinidades com essas criaturas... com o tão bem as sinto com os pederastas... com as prostitutas... Oh! é terrível, meu amigo, terrível...

Eu sorria apenas. Estava já acostumado. Sabia bem o que significava tudo aquilo. Isto só: *arte*.

Pois Gervásio partia do princípio que o artista não se revelava pelas suas obras, mas sim, unicamente, pela sua personalidade. Queria dizer: ao escultor, no fundo, pouco importava a obra dum artista. Exigia-lhe porém que fosse interessante, genial, no seu aspecto físico, na sua maneira de ser — no seu modo exterior, numa palavra:

— Porque isto, meu amigo, de se chamar artista, de se chamar homem de génio, a um patusco obeso como o Balzac, corcovado, aborrecido, e que é vulgar na sua conversa, nas suas opiniões — não está certo; não é justo nem admissível.

— Ora... — protestava eu, citando verdadeiros grandes artistas, bem inferiores no seu aspecto físico.

E então Gervásio Vila-Nova tinha respostas impagáveis.

Se por exemplo — o que raro acontecia — o nome citado era o dum artista que ele já algum a vez me elogiara pelas suas obras, volvia-me:

— O meu amigo desculpe-me, mas é muito pouco lúcido. Esse de quem me fala, em bora aparentemente medíocre, era todo chamado. Pois não sabe quando ele...

E inventava qualquer anedota interessante, bela, intensa, que atribuía ao seu homem...

E eu calava-me...

De resto, era outro traço característico em Gervásio: construir as individualidades com o que agradava que fossem, e não as ver com o realmente eram. Se lhe apresentavam uma criatura com a qual, por qualquer motivo, sympathizava — logo lhe atribuía opiniões, modos de ser do seu agrado; em bora, em verdade, a personagem fosse a antítese disso tudo. É claro que um dia chegava a desilusão. Entretanto, longo tempo ele tinha a força de sustentar o encanto...

Pelo caminho, não pude deixar de lhe observar:

— Você reparou que ela trazia os pés descalços, em sandálias, e as unhas douradas?

— Você crê?... Não...

A desconhecida estranha im pressionara-m e vivam ente e, antes de adorm ecer, largo tem po a relem brei e à roda que a acom panhava.

Ah! com o Gervásio tinha razão, com o eu no fundo abom inava essa gente —

os artistas. Isto é, os falsos artistas cuj a obra se encerra nas suas atitudes; que falam petulantem ente, que se m ostram com plicados de sentidos e apetites; artificiais, irritantes, intoleráveis. Enfim , que são os exploradores da arte apenas no que ela tem de falso e de exterior.

Mas, na m inha incoerência de espírito, logo m e vinha outra ideia: — Ora, se os odiava, era só afinal por os invej ar e não poder nem saber ser com o eles...

Em todo o caso, m esm o abom inando-os realm ente, o certo é que m e atraíam com o um vício pernicioso.

Durante um a sem ana — o que raro acontecia — estive sem ver Gervásio.

Ao fim dela, apareceu-m e e contou-m e:

— Sabe, tenho estreitado relações com a nossa am ericana. É na verdade um a criatura interessantíssim a. E m uito artista... Aquelas duas pequenas são am antes dela. É um a grande sádica.

— Não...

— Asseguro-lhe.

E não falám os m ais da estrangeira.

Passou-se um m ês. Eu j á m e esquecer a da m ulher fulva, quando um a noite o escultor m e participou de súbito:

— É verdade: aquela am ericana que eu lhe apresentei outro dia dá am anhá um a grande soirée. Você está convidado.

— Eu!?...

— Sim . Ela disse-m e que levasse alguns am igos. E falou-m e de si. Aprecia-o m uito... Aquilo deve ser curioso. Há um a representação no fim — um as apoteoses, uns bailados ou o quer que é. Entanto se é m açador para você, não venha. Eu creio que estas coisas o aborrecem ...

Protestei, idiotam ente ainda, com o era m eu hábito; afirm ei que, pelo contrário, tinha até um grande em penho em o acom panhar, e m arcám os rendez-vous para a noite seguinte, na Closerie, às dez horas.

No dia da festa, arrependi-m e de haver aceitado. Eu era tão avesso à vida m undana... E depois, ter que envergar um sm oking, perder um a noite...

Enfim ... enfim ...

Quando cheguei ao café — caso estranho! — j á o m eu am igo chegara. E

disse-m e:

Ah... sabe? Tem os que esperar ainda pelo Ricardo de Loureiro. Tam bém está

convidado. E ficou de se encontrar aqui com igo. Olhe, aí vem ele...

E apresentou-nos:

— O escritor Lúcio Vaz.

— O poeta Ricardo de Loureiro.

E nós, um ao outro:

— Muito gosto em o conhecer pessoalm ente.

Pelo cam inho a conversa foi-se entabulando e, ao prim eiro contacto, logo experim entei um a viva sim patia por Ricardo de Loureiro. Adivinhava-se naquele rosto árabe de traços decisivos, bem vincados, um a natureza franca, aberta —

lum inosa por uns olhos geniais, intensam ente negros.

Falei-lhe da sua obra, que adm irava, e ele contou-m e que lera o m eu

volum e de novelas e que, sobretudo, lhe interessara o conto chamado *João Tortura*. Esta opinião não só me e lisonjear eu, com o mais me fez sim patizar com o poeta, adivinhando nele uma natureza que compreenderia um pouco a minha alma.

Efectivamente, essa novela era a que eu preferia, que de muito longe eu preferia, e entretanto a única que nenhum crítico destacara — que os meus amigos mesmo, sem me o dizerem, reputavam a mais inferior.

Brilhantíssima aliás a conversa do artista, além de insinuante, e pela vez primeira eu vi Gervásio calar-se — ouvir, ele que em todos os grupos era o dominador.

Por fim o nosso coupé estacou em face dum magnífico palácio da Avenida do Bosque, todo iluminado através de cortinas vermelhas, de seda, fantasticamente.

Carruagens, muitas, à porta — contudo uma a mais esca de fiacres mais ou menos avariados, e algumas soberbas equipagens particulares.

Descem os.

À entrada, com o no teatro, um lacaios recebeu os nossos cartões de convite, e outro imediatamente nos em purreu para um ascensor que, rápido, nos ascendeu ao primeiro andar. Então, deparou-se-nos um espectáculo assombroso: Uma grande sala elíptica, cujo tecto era uma elevadíssima cúpula rutilante, sustentada por colunas multicolores em magníficas volutas. Ao fundo, um estranho palco erguido sobre esfinges bronzeadas, do qual — por degraus de mármore rosa — se descia a uma larga piscina sem circular, cheia de água translúcida.

Três ordens de galerias — de forma que todo o aspecto da grande sala era o dum opulento, fantástico teatro.

Em qualquer parte, ocultamente, uma orquestra tocava valsas.

À nossa entrada — foi sabido — todos os olhares se fixaram em Gervásio Vila-Nova, hierático, belíssimo, na sua casaca negra, bem cintada. E logo a estrangeira se nos precipitou a perguntar a nossa opinião sobre a sala. Com efeito, os architectos apenas há duas semanas a tinham dado por concluída. Aquela festa sumptuosa era a sua inauguração.

Gritam os o nosso pasmo em face à maravilha, e ela, a encantadora, teve um sorriso de mistério:

— Logo, é que eu desejei o conhecer o vosso já uízo... *E, sobretudo, o que pensam das luzes...*

Um deslumbramento, o traje o da americana. Envolvia-a uma túnica de um tecido muito singular, impossível de descrever. Era com o que uma estreita malha



de fios metálicos — mas dos metais mais diversos — a fundirem-se numa cintilação esbraseada, onde todas as cores ora se enclavinavam ululantes, ora se dissolviam, silvando tumultos astrais de reflexos. *Todas as cores enlouqueciam na sua túnica.*

Por entre as malhas do tecido, olhando bem, divisava-se a pele nua; e o bico de um seio despontava numa agudeza áurea.

Os cabelos fulvos tinha-os enrolado desordenadamente e entretecido de pedrarias que constelavam aquelas labaredas em raios de luz ultrapassada.

Mordiam-se-lhe nos braços serpentes de esmeraldas. Nem uma jóia sobre o decote profundo... A estátua inquietadora do desejo contorcido, do vício platinado... E de toda a sua carne, em penumbra azul, emanava um aroma denso e criminoso.

Rápida, após momentos, ela se afastou de nós a receber outros convidados.

A sala enchera-se entretanto de uma multidão bigarrada e esquisita. Eram estranhas mulheres quase nuas nos seus trajes audaciosos de baile, e rostos suspeitos sobre as uníssonas e negras vestes masculinas de cerimônia. Havia russos hirsutos e fulvos, escandinavos suavemente louros, meridionais densos, crespos — e um chinês, um índio. Enfim, condensava-se ali bem o Paris cosmopolita — rastaquouère e genial.

Até à meia-noite, dançou-se e conversou-se. Nas galerias jogava-se infernalmente. Mas a essa hora foi anunciada a ceia; e todos passaram ao salão de jantar — outra maravilha.

Pouco antes chegara-se a nós a americana e, confidencialmente, nos dissera:

— Depois da ceia, é o espectáculo — o meu Triunfo! Quis condensar

nele as minhas ideias sobre a voluptuosidade-arte. Luzes, corpos, aromas, o fogo e a água — tudo se reunirá numa orgia de carne espiritualizada em ouro!

Ao entrarmos novamente na grande sala — por mim, confesso, tive medo...

recuei...

Todo o cenário mudara — era como se fosse outro o salão. Inundava-o um perfume denso, arrepiante de êxtases, silvava-o uma brisa misteriosa, *uma brisa cinzenta com laivos amarelos* — não sei porquê, pareceu-me e assim, bizarramente

— aragem que nos fustigava a carne em novos arrepios. Entretanto, o mais grandioso, o mais alucinador, era a iluminação. Declaro-me impotente para a descrever. Apenas, num esforço, poderei esboçar onde residia a sua singularidade, o seu quebranto:

Essa luz — evidentemente eléctrica — provinha de uma infinidade de globos, de estranhos globos de várias cores, vários desenhos, de transparências várias —

mas, sobretudo, de ondas que projectores, ocultos nas galerias, golfavam em esplendor. Ora essas torrentes luminosas, todas orientadas para o mesmo ponto químico do espaço, convergiam nele em um turbilhão — e, desse turbilhão metéórico, é que elas realmente, em ricochete enclavinhado, se projectavam

sobre paredes e colunas, se espalhavam no ambiente da sala, apoteotizando-a.

De forma que a luz total era uma projecção da própria luz — em outra luz, seguramente, mas a verdade é que a maravilha que nos iluminava nos não parecia luz. Afigurava-se-nos qualquer outra coisa — um fluido novo. Não divago; descrevo apenas uma sensação real: essa luz, nós sentíamos-a mais do que a víamos. E não receio avançar muito afirmando que ela não impressionava a nossa vista, mas sim o nosso tacto. *Se de súbito nos arrancassem os olhos, nem por isso nós a deixaríamos de ver.* E depois — eis o mais bizarro, o mais esplêndido — nós respirávamos o estranho fluido. Era certo, juntamente com o ar, com o perfume roxo do ar, sorviamos essa luz que, num êxtase iriado, numa vertigem de ascensão — se nos engolfava pelos pulmões, nos invadia o sangue, nos envolvia todo o corpo sonoro. Sim, essa luz mágica ressoava em nós, ampliando-nos os sentidos, alastrando-nos em vibratibilidade, dinamizando-nos, aturdindo-nos...

Debaixo dela, toda a nossa carne era sensível aos espasmos, aos aromas, às melodias!...

E não foi só a nós, requintados d'ultracivilização e arte, que o mistério rutilante fustigou. Pois em breve todos os espectadores evidenciavam, em rostos confundidos e gestos ansiosos, que um ruivo sortilégio os varara sob essa luz d'além -Inferno, sob essa luz *sexualizada*.

Mas de súbito toda a iluminação se transformou ou divergindo num resvalamento arqueado; e outro frémito mais brando nos diluiu então, com o beijos de esmeraldas sucedendo a mordeduras.

Uma música penetrante tilintava nessa nova aurora, em ritmos desconhecidos

— esguia melopeia em que soçobravam gotas de cristal entrechocando-se, onde palmadas de espadas refrescavam o ar esbatidamente, onde listas húmidas de sons se vaporizavam subtils...

Enfim : prestes a esvaírem o-nos num espasmo derradeiro d'alma — tinham -nos sustido para nos alastrarem o prazer.

E, ao fundo, o pano do teatro descerrou-se sobre um cenário aureolal...

Extinguiu-se a luz perturbadora, e jorros de electricidade branca nos iluminaram apenas.

No palco surgiram três dançarinas. Vinham de tranças soltas — blusas vermelhas lhes encerravam os troncos, deixando-lhes os seios livres, oscilantes.

Ténues gazes rasgadas lhes pendiam das cinturas. Nos ventres, entre as blusas e as gazes, havia um intervalo — um cinto de carne nua onde se desenhavam flores sim bólicas.

As bailadeiras começaram as suas danças. Tinham as pernas nuas.

Volteavam, saltavam, reuniam-se num grupo, embaralhavam os seus membros em brotos, mordiam-se nas bocas...

Os cabelos da primeira eram pretos, e a sua carne esplêndida de sol. As pernas, talhadas em aurora loira, esgueiravam-se-lhe em luz radiosa a não bar-se, junto do sexo, numa carne mordorada que apetecia trincar. Mas o que as fazia mais excitantes era a saudade límbica

pida que lem bravam dum grande lago azul de água cristalina aonde, um a noite de luar, elas se m ergulhassem descalças

e am orosas.

A segunda bailadeira tinha o tipo característico da adolescente pervertida.

Magra — porém de seios bem visíveis — cabelos dum louro suj o, cara provocante, nariz arrebitado. As suas pernas despertavam desej os brutais de as m order, escalavradas de m úsculos, de durezas — m asculinam ente.

Enfim , a terceira, a m ais perturbadora, era um a rapariga frígida, m uito branca e m acerada, esguia, evocando m isticism os, doença, nas suas pernas de m orte — devastadas.

Entanto o baile prosseguia. Pouco a pouco os seus m ovim entos se tornavam m ais rápidos até que por últim o, num espasm o, as suas bocas se uniram e, rasgados todos os véus — seios, ventres e sexos descobertos — os corpos se lhes em aranharam , agonizando num arqueam ento de vício.

E o pano cerrou-se na m esm a placidez lum inosa...

Houve depois outros quadros adm iráveis: dançarinas nuas perseguindo-se na piscina, a m im arem a atracção sexual da água, estranhas bailadeiras que esparziam arom as que m ais entenebreciam , em quebranto, a atm osfera fantástica da sala, apoteoses de corpos nus, am ontoados — visões luxuriosas de cores intensas, rodopiantes de espasm os, sinfonias de sedas e veludos que sobre corpos nus volteavam ...

Mas todas estas m aravilhas — incríveis de perversidade, era certo — nos não excitavam fisicam ente em desej os lúbricos e bestiais; antes num a ânsia d'alm a, esbraseada e, ao m esm o tem po, suave: extraordinária, deliciosa.

Escoava-se por nós uma impressão de excesso.

Entanto os delírios que as alm as nos frem iam , não os provocavam unicam ente as visões lascivas. De m aneira algum a. O que oscilávam os, provinha-nos dum a sensação-total idêntica à que experim entam os ouvindo um a partitura sublim e executada por um a orquestra de m estres. E os quadros sensuais valiam apenas com o um instrum ento dessa orquestra. Os outros: as luzes, os perfum es, as cores... Sim ,

todos esses elementos se fundiam num conjunto admirável que, ampliando-a, nos penetrava a alma, e que só a nossa alma sentia em febre de longe, em vibração de abismos. Eram os todos alma.
Desciam-nos só da alma os nossos desejos carnaís.

Porém nada valeu em face da última visão:

Raiaram mais densas as luzes, mais agudas e penetrantes, caindo agora, em jorros, do alto da cúpula — e o pano rasgou-se sobre um vago templo asiático...

Ao som dum mais música pesada, rouca, longínqua — *ela* surgiu, a mulher fulva...

E com eco dançando...

Envolveria-a um a túnica branca, listada de amarelo. Cabelos soltos, loucamente.

Jóias fantásticas nas mãos; e os pés descalços, constelados...

Ai, com o exprimir os seus passos silenciosos, húmidos, frios de cristal; o mais arulhar da sua carne ondeando; o álcool dos seus lábios que, num requinte, ela dourara — toda a harmonia esvaecida nos seus gestos; todo o horizonte difuso que o seu rodopiar suscitava, nevoadamente...

Entretanto, ao fundo, num a aramistiosa, o fogo ateava-se...



Vício a vício a túnica lhe ia resvalando, até que, num êxtase abafado, soçobrou a seus pés... Ah! nesse momento, em face à maravilha que nos varou, ninguém pôde conter um grito de assombro...

Químérico e nu, o seu corpo subtilizado, erguia-se litúrgico entre mais cintilações irreais. Com o os lábios, os bicos dos seios e o sexo estavam dourados

— num ouro pálido, doentio. E toda ela serpenteava em mais isticismos escarlates a querer-se dar ao fogo...

Mas o fogo repelia-a...

Então, num a última perversidade, de novo tomou os véus e se

ocultou, deixando apenas nu o sexo áureo — terrível flor de carne a estrebuchar agonias m agentas...

Vencedora, tudo foi lum e sobre ela...

E, outra vez desvendada — esbraseada e feroz, saltava agora por entre labaredas, rasgando-as: em aranhando, *possuindo*, todo o fogo bêbado que a cingia.

Mas finalm ente, saciada após estranhas epilepsias, num salto prodigioso, com o um m eteoro — ruivo m eteoro — ela veio tom bar no lago que m il lâm padas ocultas esbatiam de azul cendrado.

Então foi apoteose:

Toda a água azul, ao recebê-la, se volveu verm elha de brasas, encapelada, ardida pela sua carne que o fogo penetrara... E num a ânsia de se extinguir, possessa, a fera nua m ergulhou... Mas quanto m ais se abism ava, m ais era lum e ao seu redor...

...Até que por fim , num m istério, o fogo se apagou em oiro e, m orto, o seu corpo flutuou heráldico sobre as águas douradas — tranquilas, m ortas tam bém ...

A luz norm al regressara. Era tem po. Mulheres debatiam -se em ataques de histerism o; hom ens, de rostos congestionados, tinham gestos incoerentes...

As portas abriram -se e nós m esm os, perdidos, sem chapéus — encontrám onos na rua, afogueados, perplexos... O ar fresco da noite, vergastando-nos, fez-nos despertar; e com o se chegássem os dum sonho que os três houvéssem os sonhado — olhám o-nos inquietos, num espanto m udo.

Sim , a im pressão fora tão forte, a m aravilha tão alucinadora, que não tivemos os ânim o para dizer um a palavra.

Esm agados, aturdidos, cada um de nós voltou para sua casa...

Na tarde seguinte — ao acordar dum sono de onze horas — eu não acreditava j á na estranha orgia: *A Orgia do Fogo*, com o Ricardo lhe cham ou depois.

Saí. Jantei.

Quando entrava no Café Riche, alguém m e bateu no om bro:

— Então com o passa o m eu am igo? Vam os, as suas im pressões?

Era Ricardo de Loureiro.

Falám os largam ente acerca das extraordinárias coisas que presenciáram os. E

o poeta concluiu que tudo aquilo, m ais lhe parecia hoj e um a visão de onanista genial do que a sim ples realidade.

Quanto à am ericana fulva, não a tornei a ver. O próprio Gervásio deixou de falar nela. E, com o se se tratasse dum m istério d'Além a que valesse m elhor não aludir — nunca m ais nos referim os à noite adm irável.

Se a sua lem branca m e ficou para sem pre gravada, não foi por a ter vivido —

m as sim porque, dessa noite, se originava a m inha am izade com Ricardo de Loureiro.

Assim sucede com efeito. Referim os certos acontecim entos da nossa vida a outros m ais fundam entais — e m uitas vezes, em torno dum beij o, circula todo um m undo, toda um a hum anidade.

De resto, no caso presente, que podia valer a noite fantástica em face do nosso encontro — *desse encontro que marcou o princípio da minha vida?*

Ah! sem dúvida am izade predestinada aquela que com eçava num cenário tão estranho, tão perturbador, tão dourado...

II

Decorrido um mês, eu e Ricardo éramos não só dois companheiros inseparáveis, com o tam bém dois am igos íntim os, sinceros, entre os quais não havia m al-entendidos, nem quase j á segredos.

O m eu convívio com Gervásio Vila-Nova cessara por com pleto. Mesm o, passado pouco, ele regressou a Portugal.

Ah! com o era bem diferente, bem m ais espontânea, m ais cariciosa, a intim idade com o m eu novo am igo! E com o estávam os longe do Gervásio Vila-Nova que, a propósito de coisa algum a, fazia declarações com o esta:

— Sabe você, Lúcio, não imagina a pena que eu tenho de que não gostem das minhas obras. (As suas obras eram esculturas sem pés nem cabeça — pois ele só esculpia torsos contorcidos, enclavinados, monstruosos, onde porém, de quando em quando, por alguns detalhes, se adivinhava um cinzel admirável.) Mas não pense que é por mim. Eu estou certo de que elas valem. É por *elas*, coitados, que não podem sentir a sua beleza.

Ou então:

— Creia, meu querido amigo, você faz muito mal em colaborar nessas revistas lá de baixo... em se apressar tanto a imprimir os seus volumes. O

verdadeiro artista deve guardar quanto mais possível o seu inédito. Vejamos se eu já expus alguma vez... Só com preendo que se publique um livro numa tiragem reduzida; e a 100 francos o exemplar, com o fecho... (e citava o nome do russo chefe dos *selvagens*). Ah! eu abomino a publicidade!...

As minhas conversas com Ricardo — por mim enor interessante — foram logo desde o início, bem mais conversas de alma, do que simples conversas de intelectuais.

Pela primeira vez eu encontrara efectivamente alguém que sabia descer um pouco aos recantos ignorados do meu espírito — os mais sensíveis, os mais dolorosos para mim. E com ele o mesmo o acontecera — havia de me contar mais tarde.

Não eram os felizes — oh! não... As nossas vidas passavam torturadas de ansias, de incompreensões, de agonias de sombria...

Subíam os mais alto; pairavam os sobre a vida. Podíamos o-nos em briagar de orgulho, se quiséssemos — mas as sofriamos tanto... tanto... O nosso único refúgio era nas nossas obras.

Pintando-me a sua angústia, Ricardo de Loureiro fazia perturbadoras confidências, tinha imensas estranhas.

— Ah! meu caro Lúcio, acredite-me! Nada me encanta já; tudo me aborrece, me nauseia. Os meus próprios raros entusiasmos, se me lembro deles, logo se me esvaem — pois, ao medi-los, encontro-os tão mesquinhos, tão de pacotilha...

Quer saber? Outrora, à noite, no meu leito, antes de dormir, eu punha-me a divagar. E era feliz por momentos, entressonhando a

glória, o amor, os êxtases...

Mas hoje já não sei com que sonhos me robustecer. Acastelei os maiores... eles próprios me fartaram : são sem pre os mesmos — e é impossível achar outros...

Depois, não me saciam apenas as coisas que possuo — aborrecem-me e também as que não tenho, porque, na vida com os sonhos, são sem pre as mesmas. De resto, se às vezes posso sofrer por não possuir certas coisas que ainda não conheço inteiramente, a verdade é que, descendo-me melhor, logo averiguo isto: meu Deus, se as tivera, ainda maior seria a minha dor, o meu tédio... De forma que *gastar tempo* é hoje o único fim da minha existência deserta. Se viajasse, se escrevo — se vivo, numa palavra, creia-me: é só para consumir instantes. Mas dentro em pouco — já o pressinto — isto mesmo me saciará. E que fazer então?

Não sei... não sei... Ah! que amargura infinita...

Eu punha-me a animá-lo; a dizer-lhe inferiormente que urgia pôr de parte essas ideias abatidas. Um belo futuro se alastrava em sua face. Era preciso ter coragem !

— Um belo futuro?... Olhe, meu amigo, até hoje e ainda me não vi no meu futuro. E as coisas em que me não vejo, nunca me sucederam .

Perante tal resposta, esbocei uma interrogação muda, a que o poeta volveu:

— Ah! sim , talvez não compreendesse... Ainda lhe não expliquei. Ouça: desde criança que, pensando em certas situações possíveis numa existência, eu, antecipadamente, me vejo ou não vejo nelas. Por exemplo: uma coisa onde nunca me vi, foi na vida — e diga-me se na realidade nos encontramos nela?

Mas descendo a pequenos detalhes:

« A minha imaginação infantil sonhava, romancescamente construía, minhas aventuras amorosas, que aliás todos vivem . Pois bem : nunca me vi ao fantasiá-las, com o existindo-as mais tarde. E até hoje e eu sou aquele que em nenhum desses episódios gentis se encontrou. Não porque lhes fugisse... Nunca fugi de coisa alguma.

« Entretanto, na minha vida, houve certa situação esquisita, mesmo um pouco torpe. Ora eu lembro-me muito vez de que essa triste aventura havia de ter um fim . E sabia dum muito natural. Nesse,

contudo, nunca eu me figurava. Mas noutro qualquer. *Outro qualquer*, porém, só podia dar-se por me eu intermédio. E

por me eu intermédio — era bem claro — não se podia, *não se devia* dar. Passou-se tem po... Escuso de lhe dizer que foi já ustam ente a « im possibilidade» que se realizou...

« Era um estudante distinto, e nunca me antevisionava com o me eu curso concluído. Efectivamente um belo dia, de súbito, sem razão, deixei a universidade... Fugi para Paris...

« Dentro da vida prática também nunca me figurei. Até hoje e, aos vinte e sete anos, não consegui ainda ganhar dinheiro pelo me eu trabalho. Felizmente não preciso... E nem me esmoreci cheguei a entrar nunca na vida, na simples Vida com V

grande — na vida social, se prefere. É curioso: sou um isolado que conhece-me eu mesmo, um desclassificado que não tem uma dívida, uma nódoa — que todos consideram, e que entretanto em parte alguma é admitido... Está certo. Com efeito, nunca me vi « admitido» em parte alguma. Nos próprios meios onde me

tenho em brenhado, não sei porquê senti-me sem pre um estranho...

« E é terrível; me artiriza-me e por vezes este me eu condão. Assim se eu não vejo erguida certa obra cujo plano me entusiasma, é seguro que a não consigo lançar, e que depressa me desencanto da sua ideia — em bora, no fundo, a considere admitível.

« Enfim, para me entender melhor: esta sensação é semelhante, ainda que de sentido contrário, a uma outra em que provavelmente ouviu falar — que talvez me esmoreça — a do *já-visto*. Nunca lhe sucedeu ter visitado pela primeira vez uma terra, um cenário, e — num a reminiscência longínqua, vaga, perturbadora — chegar-lhe a lembrar de que, *não sabe quando nem aonde*, já esteve naquela terra, já contém plou aquele cenário?...

« É possível que o me eu algo não atinja o que há de comum entre estas duas ideias. Não lhe sei explicar — contudo pressinto, tenho a certeza, que essa relação existe.»

Respondi divagando, e o poeta acrescentou:

— Mas ainda lhe não disse o mais estranho. Sabe? É que de maneira alguma me concebo na minha velhice, bem como de nenhum a forma me vejo o doente, agonizante. Nem sequer suicidado —

segundo às vezes m e procuro iludir. E

creia, é tão grande a minha confiança nesta superstição que — j uro-lhe — se não fosse haver a certeza absoluta de que todos morremos, eu, não me «vendo» morto, não acreditaria na minha morte...

Sorri da boutade.

Vagos conhecidos entravam no Café onde tinham os abancado. Sentaram -se j unto de nós e, banal e fácil, a conversa deslizou noutro plano.

Outras vezes tam bém , Ricardo surgia-m e com revelações estram bóticas que lem bravam um pouco os snobism os de Vila-Nova. Porém nele, eu sabia que tudo isso era verdadeiro, sentido. Quando m uito, *sentido já como literatura.*

Efectivam ente o poeta explicara-m e, um a noite:

— Garanto-lhe, m eu am igo, todas as ideias que lhe surj am nas m inhas obras, por m ais bizarras, m ais im possíveis — são, pelo m enos em parte, sinceras. Isto é: traduzem em oções que na realidade senti; pensam entos que na realidade m e ocorreram sobre quaisquer detalhes da m inha psicologia. Apenas o que pode suceder é que, quando elas nascem , j á venham literalizadas...

Mas voltando às suas revelações estram bóticas:

Com o gostássem os, em m uitas horas, de nos em brenhar pela vida norm al e nos esquecer a nós próprios — frequentávam os bastante os teatros e os m usic-halls, num a ânsia tam bém de serm os agitados por esses m eios intensam ente contem porâneos, europeus e luxuosos.

Assim um a vez, no Oly m pia, assistíam os a um as danças de *girls* inglesas m isturadas num a revista, quando Ricardo m e perguntou:

— Diga-m e, Lúcio, você não é suj eito a certos m edos inexplicáveis, destram belhados?

Que não, só se m uito vagam ente — volvi.

— Pois com igo — tornou o artista — não acontece o m esm o. Enfim , quer saber? Tenho m edo destas dançarinas.

Soltei um a gargalhada.

Ricardo prosseguiu:

— É que, não sei se reparou, em todos os music-halls tornaram-se agora moda estes bailados por ranchos de raparigas inglesas. Ora essas criaturinhas são todas iguais, sem pre — vestidas das mesmas as pernas nuas, as mesmas as feições ténues, o mesmo ar gentil. De maneira que eu me vou me esforço por considerar cada uma delas com o mesmo a individualidade. Não lhes sei atribuir uma vida — uma ante, um passado; certos hábitos, certas maneiras de ser. Não as posso destrinçar do seu conjunto: daí, o meu pavor. Não estou posando, meu amigo, asseguro-lhe.

« Mas não são estes só os meus medos. Tenho muitos outros. Por exemplo: o horror dos arcos — de alguns arcos triunfais e, sobretudo, de alguns velhos arcos de ruas. Não propriamente dos arcos — antes do espaço aéreo que eles enquadram. E lembro-me de haver experimentado uma sensação misteriosa de pavor, ao descobrir no fim dum a rua solitária de não sei que capital, um pequeno arco ou, melhor, uma porta aberta sobre o infinito. Digo bem — sobre o infinito.

Com efeito a rua subia e para lá do momento com eu estava, sem dúvida, a descer. De modo que, de longe, só se via horizonte através desse arco. Confesso-lhe que me detive alguns minutos olhando-o fascinado. Assaltou-me um forte desejo de subir a rua até ao fim e averiguar para onde ele deitava. Mas a coragem faltou-me e... Fugi apavorado. E veja, a sensação foi tão violenta, que nem sei já em que triste cidade a oscilei...

« Quando era pequeno — ora, ainda hoje! — apavoravam-me as ogivas das catedrais, as abóbadas, as sombras de altas colunas, os obeliscos, as grandes escadarias de mármore... De resto, toda a minha vida psicológica tem sido até agora a projecção dos meus pensamentos infantis — amplificados, modificados; mas sempre no mesmo sentido, na mesma ordem: apenas em outros planos.

« E por último, ainda a respeito de meus medos: assim como me assustam alguns espaços vazios emoldurados por arcos — também me inquieta o céu das ruas, estreitas e de prédios altos, que de súbito se partem em curvas apertadas.»

O seu espírito estava seguramente predisposto para a bizarria, essa noite, pois ainda me fez estas esquisitas declarações à saída do teatro:

— Meu caro Lúcio, vai ficar muito admirado, mas garanto-lhe que não foi tem por perdido o que passei ouvindo essa revista chocha.

Achei a razão fundam ental do m eu sofrim ento. Você recorda-se dum a capoeira de galinhas que apareceu em cena? As pobres aves queriam dorm ir. Metiam os bicos debaixo das asas, m as logo acordavam assustadas pelos j orros dos proj ectores que ilum inavam as « estrelas» , pelos saltos do com padre... *Pois como esses pobres bichos, também a minha alma anda estremunhada* — descobri em frente deles. Sim , a m inha alm a quer dorm ir e, m inuto a m inuto, a vêm despertar j orros de luz, estrepitosas vozearias: grandes ânsias, ideias abrasadas, tum ultos de

aspirações — áureos sonhos, cinzentas realidades... Sofreria m enos se ela nunca pudesse adorm ecer. Com efeito, o que m ais m e exacerba esta tortura infernal é que, em verdade, a m inha alm a chega m uitas vezes a pegar no sono, *a fechar os olhos* — perdoe a frase estram bótica. Mal os cerra, porém , logo a zurzem — e de novo acorda perdida num a agonia estonteada...

Mais tarde, relem brando-m e esta constatação, aj untara:

— O m eu sofrim ento m oral, ainda que sem razões, tem aum entado tanto, tanto, estes últim os dias, que eu hoj e sinto a m inha alm a fisicam ente. Ah! é horrível! *A minha alma não se angustia apenas, a minha alma sangra*. As dores m orais transform am -se-m e em verdadeiras dores físicas, em dores horríveis, que eu sinto m aterialm ente — *não no meu corpo, mas no meu espírito*. É m uito difícil, concordo, fazer com prender isto a alguém . Entretanto, acredite-m e; j uro-lhe que é assim . Eis pelo que eu lhe dizia a outra noite que tinha a m inha alm a estrem unhada. Sim , a m inha pobre alm a anda m orta de sono, e não a deixam dorm ir — tem frio, e não a sei aquecer! Endureceu-m e toda, toda!

secou, anquilosou-se-m e; de form a que m ovê-la — isto é: pensar — m e faz hoj e sofrer terríveis dores. E quanto m ais a alm a m e endurece, m ais eu tenho ânsia de pensar! Um turbilhão de ideias — loucas ideias! — m e silva a desconj untá-la, a arrepanhá-la, a rasgá-la, num m artírio alucinante! Até que um dia — oh! é fatal

— ela se m e partirá, voará em estilhaços... A m inha pobre alm a! a m inha pobre alm a!...

Em tais ocasiões os olhos de Ricardo cobriam -se dum véu de luz. Não brilhavam : cobriam -se dum véu de luz. Era m uito estranho, m as era assim .

Divagando ainda sobre as dores físicas do seu espírito; num tom de

blague que raram ente tom ava, o poeta desfechou-m e um a tarde, de súbito:

— Tenho às vezes tanta invej a das m inhas pernas... Porque um a perna não sofre. Não tem alm a, m eu am igo, não tem alm a!...

Largas horas, solitário, eu m editava nas singularidades do artista, a querer concluir algum a coisa. Mas o certo é que nunca soube descer um a psicologia, de m aneira que chegava só a esta conclusão: ele era um a criatura superior —

genial, perturbante. Hoj e m esm o, volvidos longos anos, é essa a m inha única certeza, e eis pelo que eu m e lim ito a contar sem ordem — à m edida que m e vão recordando — os detalhes m ais característicos da sua psicologia, com o m eros docum entos na m inha j ustificação.

Factos, apenas factos — avisei logo de princípio.

Com prendiam -se perfeitam ente as nossas alm as — tanto quanto duas alm as se podem com prender. E, todavia, eram os duas criaturas m uito diversas. Raros traços com uns entre os nossos caracteres. Mesm o, a bem dizer, só num a coisa iguais: no nosso am or por Paris.

— Paris! Paris! — exclam ava o poeta — Por que o am o eu tanto? Não sei...

Basta lem brar-m e que existo na capital latina, para um a onda de orgulho, de j úbilo e ascensão, se encapelar dentro de m im . É o único ópio loiro para a m inha dor — Paris!

« Com o eu am o as suas ruas, as suas praças, as suas avenidas! Ao recordá-las longe delas — em m iragem nim bada, todas m e surgem num resvalam ento arqueado que m e trespassa em luz. E o m eu próprio corpo, que elas vararam , as acom panha no seu rodopio.

« De Paris, am o tudo com igual am or: os seus m onum entos, os seus teatros, os seus boulevards, os seus j ardins, as suas árvores... Tudo nele m e é heráldico, m e é litúrgico.

« Ah, o que eu sofri um ano que passei longe da m inha Cidade, sem esperanças de m e tornar a envolver nela tão cedo... E a m inha

saudade foi então a m esm a que se tem pelo corpo dum a am ante perdida...

« As ruas tristonhas da Lisboa do sul, descia-as às tardes m agoadas rezando o seu nom e: o m eu Paris... o m eu Paris... E à noite, num grande leito deserto, antes de adorm ecer, eu recordava-o — sim , recordava-o — com o se recorda a carne nua dum a am ante doirada!

« Quando depois regressei à capital assom brosa, a m inha ânsia foi logo de a percorrer em todas as avenidas, em todos os bairros, para m elhor a entrelaçar com igo, para m elhor a delirar... O m eu Paris! o m eu Paris!...

« Entretanto, Lúcio, não creia que eu am e esta grande terra pelos seus boulevards, pelos seus cafés, pelas suas actrizes, pelos seus m onum entos. Não!

Não! Seria m esquinho. Am o-a por qualquer outra coisa: por um a auréola, talvez, que a envolve e a constitui em alm a — m as que eu não vej o; que eu sinto, que eu realm ente sinto, e lhe não sei explicar!...

« Só posso viver nos grandes m eios. Quero tanto ao progresso, à civilização, ao m ovim ento citadino, à actividade febril contem porânea!... Porque, no fundo, eu am o m uito a vida. Sou todo de incoerências. Vivo desolado, abatido, parado de energia, e adm iro a vida entanto com o nunca ninguém a adm irou!

« Europa! Europa! Encapela-te dentro de m im , alastra-m e da tua vibração, unge-m e da m inha época!...

« Lançar pontes! lançar pontes! silvar estradas férreas! erguer torres de aço!...»

E o seu delírio prosseguia através de im agens bizarras, destram belhadas ideias:

— Sim ! Sim ! Todo eu sou um a incoerência! O m eu próprio corpo é um a

incoerência. Julga-m e m agro, corcovado? Sou-o; porém m uito m enos do que pareço. Adm irar-se-ia se m e visse nu...

« Mas há m ais. Toda a gente m e crê um hom em m isterioso. Pois eu não vivo, não tenho am antes... desapareço... ninguém sabe de m im ... Engano! Engano! A m inha vida é pelo contrário um a vida sem

segredo. Ou m elhor: o seu segredo consiste j ustam ente em não o ter.

« E a m inha vida, livre de estranhezas, é no entanto um a vida bizarra — *mas duma bizzarria às avessas*. Com efeito a sua singularidade encerra-se, não em conter elem entos que se não encontram nas vidas norm ais — m as sim em não conter nenhum dos elem entos com uns a todas as vidas. Eis pelo que nunca m e sucedeu coisa algum a. *Nem mesmo o que sucede a toda a gente*. Com preendem e?»

Eu com preendia sem pre. E ele fazia-m e essa j ustiça. Por isso as nossas conversas d'alm a se prolongavam em geral até de m anhã; passeando nas ruas desertas, sem sentirm os frio nem cansaço, num a intoxicação m útua e arruivada.

Em horas m ais tranquilas, Ricardo punha-se-m e a falar da suavidade da vida norm al. E confessava-m e:

— Ah, quantas vezes isolado em grupos de conhecidos banais, eu não invej ei os m eus cam aradas... Lem bro-m e tanto de certo j antar no Leão d'Ouro... num a noite chuvosa de Dezem bro... Acom panhavam -m e dois actores e um dram aturgo. Sabe? O Roberto Dávila, o Carlos Mota, o Álvares Sesim bra... Eu diligenciara, num esforço, descer até eles. Por últim o, consegui iludir-m e. Fui feliz, instantes, creia... E o Carlos Mota, pedia a m inha colaboração para um a das suas operetas... Carlos Mota, o autor da *Videirinha*, o grande sucesso da Trindade... Bons rapazes! bons rapazes... Ai, não ser com o eles...

« Porque afinal essa sua vida — “a vida de todos os dias” — é a única que eu am o. Sim plesm ente não a posso existir... E orgulho-m e tanto de não a poder viver... orgulho-m e tanto de não ser feliz... Cá estam os: a m aldita literatura...

E, depois de um a breve pausa:

— Noutros tem pos, em Lisboa, um m eu com panheiro íntim o, hoj e j á m orto, alm a am pla e intensa de artista requintado — adm irava-se de m e ver acam aradar com certas criaturas inferiores. É que *essas* andavam na vida, e eu aprazia-m e com elas num a ilusão. As m inhas eternas incoerências! Vocês, os verdadeiros artistas, as verdadeiras grandes alm as — eu sei — nunca saem , nem pretendem sair, do vosso círculo de ouro — nunca lhes vêm desej os de baixar à vida. É essa a vossa dignidade. E fazem bem . São m uito m ais felizes... Pois eu soffro duplam ente, porque vivo no m esm o círculo dourado e, entretanto, sei-m e agitar cá em baixo...

— Ao contrário, eis pelo que você é m aior — com entava eu. — Esses a quem se refere, se não ousam descer, é por adivinharem que, se se m isturassem à existência quotidiana, ela os absorveria, soçobrando o seu génio de envolta com a banalidade. São fracos. E esse pressentim ento, instintivam ente os salva. Enquanto que o m eu am igo pode arriscar o seu génio por entre m edíocres. É tão grande

que nada o suj ará.

— Quim era! Quim era! — volvia o poeta. — Sei lá o que sou... Em todo o caso, olhe que é lam entável a banalidade dos *outros*... Com o a « m aioria» se contenta com poucas ânsias, poucos desej os espirituais, pouca alm a... Oh! é desolador!... Um dram a de Jorge Ohnet, um rom ance de Bourget, um a ópera de Verdi, uns versos de João de Deus ou um poem a de Tom ás Ribeiro — chegam bem para encher o seu ideal. Que digo? Isto m esm o são j á requintes de alm as superiores. As outras — as verdadeiram ente norm ais — ora... ora.. deixem o-nos de devaneios, contentam -se com as obscenidades lantej ouladas de qualquer baixo-revisteiro sem gram ática...

« A *maioria*, m eu caro, a *maioria*... os felizes... E daí, quem sabe se eles é que têm razão... se tudo o m ais será frioleira...

« Em sum a... em sum a...»

Correram m eses, seguindo sem pre entre nós o m esm o affecto, a m esm a cam aradagem .

Um a tarde de dom ingo — recordo-m e tão bem — íam os em banalidade Avenida dos Cam pos Elísios acima a, m isturados na m ultidão, quando a sua conversa resvalou para um cam po, que até aí o poeta nunca atacara, positivam ente:

— Ah! com o se respira vida, vida intensa e sadia, nestes dom ingos de Paris, nestes m aravilhosos Dom ingos!... É a vida sim ples, a *vida útil*, que se escoa em nossa face. Horas que nos não pertencem — etéreos sonhadores de beleza, roçados de Além , ungidos de Vago... Orgulho! Orgulho! E entanto com o valera m ais se fôssem os da gente-m édia que nos rodeia. Teríam os, pelo m enos no espírito, a suavidade e a paz. Assim tem os só a luz. Mas a luz cega os olhos...

Som os todos álcool, todos álcool! — *álcool que nos esvai em lume que nos arde!*

« E é pela agitação desta cidade imensa, por esta vida actual, quotidiana, que eu amo o meu Paris numa ternura loira. Sim ! Sim ! Digo bem , numa ternura —

numa ternura ilimitada. Eu não sei ter afectos. Os meus amores foram sem pre ternuras... Nunca poderia amar uma mulher pela alma — isto é: por ela própria.

Só a adoraria pelos enternecimentos que a sua *gentileza* me despertasse: pelos seus dedos trigueiros a apertarem os meus numa tarde de sol, pelo timbre subtil da sua voz, pelos seus rubores — e as suas gargalhadas... as suas correrias...

« Para mim , o que pode haver de sensível no amor, é uma saia branca a sacudir o ar, um laço de cetim que milhões de esguias enastam , uma cintura que se verga, uma mancha perdida que o vento desfez, uma canção ciciada em lábios de ouro e de vinte anos, a flor que a boca de uma mulher trincou...

« Não, nem é sequer a forma oscura que me impressiona. É outra coisa mais vaga — imponderável, translúcida: *a gentileza*. Ai, e com o eu a vou descobrir em tudo, em tudo — a gentileza... Daí, uma ânsia estonteada, *uma ânsia sexual*, de possuir vozes, gestos, sorrisos, aromas e cores!...

« ... Lum e doido! Lum e doido!... Devastação! Devastação!...»

Mas logo, serenando:

— A boa gente que aí vai, meu querido amigo, nunca teve destas complicações. Vive. Nem pensa... Só eu não deixo de pensar... O meu mundo interior ampliou-se — tornou-se infinito, e hora a hora se excede! É horrível. Ah!

Lúcio, Lúcio! tenho medo — medo de sofrer, de me extinguir no meu mundo interior, de desaparecer da vida, perdido nele...

« ... E aí tem o assunto para uma das suas novelas: um homem em que, à força de se concentrar, desaparecesse da vida — imigrado no seu mundo-interior...

« Não lhe digo eu? A minha literatura...»

Sem motivos nenhuns, livre de todas as preocupações, sentia-me entanto esquisitamente disposto, essa tarde. Um calafrio me arrepiava toda a carne — o

calafrio que sem pre me e varara nas horas culminantes da minha vida.

E Ricardo, de novo, apontando-me um a soberba *vitória* que dois esplêndidos cavalos negros tiravam :

— Ah! com o eu me trocava pela mulher linda que ali vai... Ser belo! ser belo!... ir na vida fulva ente... ser pajem na vida... Haverá triunfo mais alto?...

« A maior glória da minha existência não foi — ah! Não julgue que foi —

qualquer elogio sobre os meus poemas, sobre o meu génio. Não. Foi isto só: eu lhe conto:

« Um a tarde de Abril, há três anos, caminhava nos grandes boulevards, solitário com o sem pre. De súbito, uma gargalhada soou perto de mim ...

Tocaram-me no ombro... Não dei atenção... Mas logo a seguir me puxaram por um braço, garotamente, com o cabo dum a som brincha... Voltei-me... Eram duas raparigas... duas raparigas gentis, risonhas... Àquela hora, duas costureiras —

decerto — saídas dos ateliers da Rua da Paz. Tinham em brulhos nas mãos...

« E uma delas, a mais audaciosa:

« — Sabe que é um lindo rapaz?

« Protestei... E fomos andando juntos, trocando palavras banais... (Acredite que me acho muito bem todo o ridículo desta confidência.)

« À esquina do faubourg Poissonnière, despedi-me: devia-me encontrar com um amigo — garanti. Efectivamente, num desejo de perversidade, eu resolvera pôr termo à aventura. Talvez receoso de que, se ela se prolongasse, me desiludisse. Não sei...

« Separámo-nos...

« *Essa tarde foi a mais bela recordação da minha vida!...*

« Meu Deus! Meu Deus! Com o em vez deste corpo dobrado, este rosto contorcido — eu quisera ser belo, esplendidamente belo! E, nessa tarde, fui-o por instantes, acredito... É que vinha de escrever alguns

dos m eus m elhores versos.

Sentia-m e orgulhoso, adm irável... E a tarde era azul, o boulevard ia lindíssim o...

Depois, tinha um chapéu petulante... ondeava-se-m e na testa um a m adeixa j uvenil...

« Ah! com o vivi sem anas, sem anas, da pobre saudade... que ternura infinita m e desceu para essa rapariguinha que nunca m ais encontrei — *que nunca mais poderia encontrar* porque, na m inha alegria envaidecida, nem sequer m e lem brara de ver o seu rosto... Com o lhe quero... Com o lhe quero... Com o a abenço... Meu am or! m eu am or!...»

E, num a transfiguração — todo aureolado pelo brilho intenso, m elodioso, dos seus olhos portugueses — Ricardo de Loureiro erguia-se realm ente belo, esse instante...

Aliás, ainda hoj e ignoro se o m eu am igo era ou não era form oso. Todo de incoerências, tam bém a sua fisionom ia era um a incoerência: por vezes o seu rosto esguio, m acerado — se o víam os de frente, parecia-nos radioso. Mas de perfil j á não sucedia o m esm o... Contudo, nem sem pre: o seu perfil, por vezes, tam bém era agradável... sob certas luzes... em certos espelhos...

Entretanto, o que m ais o prej udicava, era sem dúvida o seu corpo que ele



desprezava, deixando-o « cair de si », segundo a frase extravagante, m as m uito própria, de Gervásio Vila-Nova.

Os retratos que existem hoj e do poeta, m ostram -no belíssim o, num a auréola de génio. Sim plesm ente, não era essa a expressão do seu rosto. Sabendo tratar-se dum grande artista, os fotógrafos e os pintores ungeram -lhe a fronte dum a expressão nim bada que lhe não pertencia. Convém desconfiar sem pre dos retratos dos grandes hom ens...

— Ah! m eu querido Lúcio — tornou ainda o poeta — com o eu sinto a vitória dum a m ulher adm irável, estirada sobre um leito de rendas, olhando a sua carne toda nua... esplêndida... loira d'álcool! A

carne fem inina — que apoteose!

Se eu fosse m ulher, nunca m e deixaria possuir pela carne dos homens —

tristonha, seca, am arela: sem brilho e sem luz... Sim ! num entusiasmo o espasm ódico, sou todo adm iração, todo ternura, pelas grandes debochadas que só em arancam os corpos de m árm ore com outros iguais aos seus — fem ininos tam bém ; arruivados, sum ptuosos... E lem bra-m e então um desej o perdido de ser m ulher — ao m enos, para isto: para que, num encantam ento, pudesse olhar as m inhas pernas nuas, m uito brancas, a escoarem -se, frias, sob um lençol de linho...

Entanto, eu adm irava-m e do rum o que a conversa tom ara. Com efeito, se a obra de Ricardo de Loureiro era cheia de sensualism o, de loucas perversidades

— nas suas conversas nada disso surgia. Pelo contrário. Às suas palavras nunca se m isturava um a nota sensual — ou sim plesm ente am orosa — e detinham -no logo súbitos pudores se, por acaso, de longe se referia a qualquer detalhe dessa natureza.

Quanto à vida sexual do m eu am igo, ignorava-a por com pleto. Sob esse ponto de vista, Ricardo afigurava-se-m e porém um a criatura tranquila. Talvez m e enganasse... Enganava-m e com certeza. E a prova — ai, a prova! — tive-a essa noite pela m ais estranha confissão — a m ais perturbadora, a m ais densa...

Eram sete e m eia. Havíam os subido todos os Cam pos Elísios e a Avenida do Bosque até à Porta Maillot. O artista decidiu que j antássem os no Pavilhão de Arm enonville — ideia que eu aplaudi do m elhor grado.

Tive sem pre m uito afecto ao célebre restaurante. Não sei... O seu cenário literário (porque o lem os em novelas), a grande sala de tapete verm elho e, ao fundo, a escadaria; as árvores rom ânticas que exteriorm ente o ensom bram , o pequeno lago — tudo isso, naquela atm osfera de grande vida, m e evocava por um a saudade longínqua, subtil, bruxuleante, a recordação astral de certa aventura am orosa que eu nunca vivera. Luar de Outono, folhas secas, beij os e cham panhe...

Correu sim ples a nossa conversa durante a refeição. Foi só ao café que Ricardo principiou:

— Não pode imaginar, Lúcio, com o a sua intimidade me encanta, com o eu

bendigo a hora em que nos encontrámos. Antes de o conhecer, não lidara senão com indiferentes — criaturas vulgares que nunca me compreenderam, muito pouco que fosse. Meus pais adoravam-me. Mas, por isso exactamente, ainda me enos me compreendiam. Enquanto que o meu amigo é uma alma rasgada, ampla, que tem a lucidez necessária para entrever a minha. É já muito.

Desejaria que fosse mais; mas é já muito. Por isso hoje eu vou ter a coragem de confessar, pela primeira vez a alguém, a maior estranheza do meu espírito, a maior dor da minha vida...

Deteve-se um instante e, de súbito, em outro tom :

— É isto só: — disse — *não posso ser amigo de ninguém...* Não proteste... Eu não sou seu amigo. Nunca soube ter afectos — já lhe contei — apenas ternuras.

Amizade máxima, para mim, traduzir-se-ia unicamente pela maior ternura. E

uma ternura traz sem pre consigo um desejo caricioso: um desejo de beijar... de estreitar... Enfim: de possuir! Ora eu, só depois de satisfazer os meus desejos, posso realmente sentir aquilo que os provocou. A verdade, por consequência, é que as minhas próprias ternuras, nunca as *senti*, apenas as *adivinhaei*. Para as sentir, isto é, para ser amigo d'alguém (visto que em mim a ternura equivale à amizade) forçoso me seria antes possuir, quem eu estimasse, ou mulher ou homem. Mas uma criatura do nosso sexo, não a podem os possuir. *Logo eu só poderia ser amigo de uma criatura do meu sexo, se essa criatura ou eu mudássemos de sexo.*

« Ah! a minha dor é enorme: todos podem ter amizades, que são o amparo dum a vida, a « razão » dum a existência inteira — amizades que nos dedicam; amizades que, sinceramente, nós retribuimos. Enquanto que eu, por mais que me esforce, nunca poderei retribuir nenhum afecto: *os afectos não se materializam dentro de mim!* É como se me faltasse um sentido — se fosse cego, se fosse surdo. Para mim, cerrou-se um mundo d'alma. Há qualquer coisa que eu vejo, e não posso abranger; qualquer coisa que eu palpo, e não posso sentir... Sou um desgraçado... um grande desgraçado, acredite!

« Em certos momentos chego a ter nojo de mim. Escute. Isto é horrível! Em face de todas as pessoas que eu sei que deveria estimar

— em face de todas as pessoas por quem adivinho ternuras — assalta-me e sem pre um desejo violento de as meter na boca! Quantas vezes não retraí um a ânsia de beijar os lábios de minha mãe...

« Entretanto estes desejos materiais — ainda lhe não disse tudo — não julgue que os sinto na minha carne; *sinto-os na minha alma*. Só com a minha alma poderia meter as minhas ânsias enternecidas. Só com a minha alma eu lograria possuir as criaturas que adivinho estimar — e assim satisfazer, isto é, *retribuir-sentindo* as minhas amizades.

« Eis tudo...

« Não me diga nada... não me diga nada!... Tenha dó de mim ... muito dó...»

Calei-me. Pelo meu cérebro ia um vendaval desfeito. Eu era alguém a cujos pés, sobre uma estrada lisa, cheia de sol e árvores, se cavasse de súbito um abismo de fogo.

Mas, após instantes, muito naturalmente, o poeta exclamou:

— Bem ... Já vai sendo tempo de nos irmos em bora.

E pediu a conta.

Tomámos um fiacre.

Pelo caminho, ao atravessarmos não sei que praça, chegaram-nos ao ouvido os sons de um violino de cego, estropiando uma linda ária. E Ricardo comentou:

— Ouve esta música? É a expressão da minha vida: uma partitura admirável, estragada por um horrível, por um infame e executante...

III

No dia seguinte, de novo nos encontramos, como sempre, mas não aludimos à estranha conversa da véspera. Nem no dia seguinte, nem nunca mais... até ao desenlace da minha vida...

Entretanto, a perturbadora confiança do artista não se me varrera da memória. Pelo contrário — dia algum eu deixava de lembrar, inquieto, quase numa obsessão.

Sem incidentes notáveis — na mesma harmonia, no mesmo

convívio d'alm a

— a nossa amizade foi prosseguindo, foi-se estreitando. Após dez meses, nos fins de 1896, em bora o seu grande amor por Paris, Ricardo resolveu regressar a Portugal — a Lisboa, onde em realidade coisa alguma a o devia chamar.

Estivemos um ano separados.

Durante ele, a nossa correspondência foi nula: três cartas minhas; duas do poeta — quando muito.

Circunstâncias materiais e as saudades do meu amor, levaram-me a sair de Paris, definitivamente, por meu turno. E em Dezembro de noventa e sete chegava a Lisboa.

Ricardo esperava-me na estação.

Mas com o seu aspecto físico mudara nesse ano que estiveram os sem nos ver!

As suas feições brucas haviam-se amolecido, acetinado — *feminilizado*, eis a verdade — e, detalhe que me aia e me impressionou, a cor dos seus cabelos esbatera-se também. Era-me como talvez desta última alteração que provinha, fundamentalmente, a diferença que eu notava na fisionomia do meu amor —

fisionomia que se tinha difundido. Sim, porque fora esta a minha impressão total: os seus traços fisionómicos haviam-se dispersado — *eram hoje menores*.

E o tom da sua voz alterara-se idênticamente, e os seus gestos: todo ele, enfim, se esbatera.

Eu sabia já, é claro, que o poeta se casara há pouco, durante a minha ausência. Ele escrevera-me na sua primeira carta; mas sem juntar promessas, muito menos — *como se se tratasse duma irreabilidade*. Pelo meu lado, respondera com vagos comentários, sem pedir detalhes, sem estranhar muito o facto — também com o se se tratasse duma irreabilidade; de qualquer coisa que eu já soubesse, *que fosse um desenlace*.

Abraçámo-nos com efusão. O artista acomodou-me ao hotel, ficando assente que nessa mesma tarde eu já estaria em sua casa.

De sua mulher, nem uma palavra... Lembrou-me bem da minha

perturbação quando, ao chegarmos ao meu hotel, reparei que ainda lhe não perguntara por ela. E essa perturbação foi tão forte, que ainda me enosousei balbuciar uma palavra a seu respeito, num enleio em verdade inexplicável...

Mas, quando à noite me dirigia para o palacete que o meu amigo habitava

numa das avenidas novas, recentemente abertas, eu — coisa esquisita —

esquecera-me até já de que ele casara, de que ia conhecer agora a sua mulher...

Cheguei. Um criado estilizado conduziu-me a uma grande sala escura, pesada, *ainda que jorros de luz a iluminassem*: ao entrar com efeito nessa sala resplandecente, eu tive uma esmaçada sensação que sofrem os se, vindos do sol, penetram numa casa imersa em penumbra.

Fui pouco a pouco distinguindo os objectos... E, de súbito, sem saber como, num rodopio nevoento, encontrei-me sentado em um sofá, conversando com o poeta e a sua companheira...

Sim. Ainda hoje me é impossível dizer se, quando entrei no salão, já lá estava alguém, ou se foi só após instantes que os dois apareceram. Da minha esmaçada forma, nunca pude lembrar-me das primeiras palavras que troquei com Marta — era este o nome da esposa de Ricardo.

Enfim, eu entrara naquela sala tal com o se, ao transpor o seu limiar, tivesse *regressado* a um mundo de sonhos.

Eis pelo que as minhas reminiscências de toda essa noite são as mais tênues.

Entretanto, durante ela, creio que nada de singular aconteceu. Jantou-se; conversou-se largamente, por certo...

À meia-noite despedi-me.

Mal cheguei ao meu quarto, deitei-me, adormeci... E foi só então que me tornaram os sentidos. Efectivamente, ao adormecer, tive uma sensação estonteada de acordar dum longo desmaio, regressando agora à vida... Não posso descrever-me melhor esta incoerência, mas foi assim.

(E, entre parênteses, convém -m e acentuar que m eço m uito bem a estranheza de quanto deixo escrito. Logo no princípio referi que a m inha coragem seria a de dizer toda a verdade, ainda quando ela não fosse verosím il.) A partir daí, com ecei frequentando am iudadas noites a casa de Ricardo. As sensações bizarras tinham -m e desaparecido por com pleto, e eu *via* agora nitidam ente a sua esposa.

Era um a linda m ulher loira, m uito loira, alta, escultural — e a carne m ordorada, dura, *fugitiva*. O seu olhar azul perdia-se de infinito, nostálgicam ente.

Tinha gestos nim bados e cam inhava nuns passos leves, silenciosos — indecisos, m as rápidos. Um rosto form osíssim o, dum a beleza vigorosa, talhado em oiro.

Mãos inquietantes de esguias e pálidas.

Sem pre triste — num a tristeza m aceradam ente vaga — m as tão gentil, tão suave e am orável, que era sem dúvida a com panheira propícia, ideal, dum poeta.

Cheguei a invej ar o m eu am igo...

Durante seis m eses a nossa existência foi a m ais sim ples, a m ais serena. Ah!

esses seis m eses constituíram em verdade a única época feliz, sem névoas, da m inha vida...

Raros dias se passavam em que não estivesse com Ricardo e Marta. Quase todas as noites nos reuníam os em sua casa, um pequeno grupo de artistas: eu, Luís de Monforte, o dram aturgo da *Glória*; Aniceto Sarzedas, o verrinoso crítico;

dois poetas de vinte anos cuj os nom es olvidei e — sobretudo — o conde Sérgio Warginsky, adido da legação da Rússia, que nós conhecêram os vagam ente em Paris e que eu m e adm irava de encontrar agora assíduo frequentador da casa do poeta. Às vezes, com m enor frequência, apareciam tam bém Raul Vilar e um seu am igo — triste personagem tarado que hoj e escreve novelas torpes desvendando as vidas íntim as dos seus com panheiros, no intuito (j ustifica-se) de apresentar casos de psicologias estranhas e assim fazer um a arte perturbadora, intensa e original; no fundo apenas falsa e obscena.

Os serões corriam lisonj eiros entre conversas intelectuais — vincadam

ente literárias — onde a nota hum orística era dada em abundância por Aniceto Sarzedas, nos seus terríveis *ereintements* contra todos os contem porâneos.

Marta m isturava-se por vezes nas nossas discussões, e evidenciava-se dum a larga cultura, dum a finíssim a inteligência. Curioso que a sua m aneira de pensar nunca divergia da do poeta. Ao contrário: integrava-se sem pre com a dele reforçando, *aumentando* em pequenos detalhes as suas teorias, as suas opiniões.

O russo, esse exprim ia a sensualidade naquele grupo de artistas — não sei porquê, eu tinha esta im pressão.

Era um belo rapaz de vinte e cinco anos, Sérgio Warginsky. Alto e elançado, o seu corpo evocava o de Gervásio Vila-Nova, que, há pouco, brutalm ente se suicidara, arrem essando-se para debaixo dum com boio. Os seus lábios verm elhos, petulantes, am orosos, guardavam uns dentes que as m ulheres deveriam querer beij ar — os cabelos dum loiro arruivado caíam -lhe sobre a testa em duas m adeixas longas, arqueadas. Os seus olhos de penum bra áurea, nunca os despregava de Marta — devia-m e lem brar m ais tarde. Enfim , se algum a m ulher havia entre nós, parecia-m e m ais ser ele do que Marta. (Esta sensação bizarra, aliás, só depois é que eu reconheci que a tivera. Durante este período, pensam entos alguns destram belhados m e vararam o espírito.) Sérgio tinha um a voz form osíssim a — sonora, vibrante, esbraseada. Com a predisposição dos russos para as línguas estrangeiras, fazendo um pequeno esforço, pronunciava o português sem o m ais ligeiro acento. Por isso Ricardo se aprazia m uito em lhe m andar ler os seus poem as que, vibrados por aquela garganta adam antina, se sonorizavam em auréola.

De resto era evidente que o poeta dedicava um a grande sim patia ao russo. A m im , pelo contrário, Warginsky só m e irritava — sobretudo talvez pela sua beleza excessiva — chegando eu a não poder retrain certas im paciências quando ele se m e dirigia.

Entretanto bem m ais agradáveis m e eram ainda as noites que passava apenas na com panhia de Ricardo e de Marta — m esm o quase só na com panhia de Marta pois, nessas noites, m uitas vezes o poeta se ausentava para o seu gabinete de trabalho.

Longas horas m e esquecia então conversando com a esposa do m eu am igo.

Experim entávam os um pelo outro um a viva sim patia — era

indubitável. E nessas ocasiões é que eu me elhor podia avaliar toda a intensidade do seu espírito.

Enfim, a minha vida desensom brara-se. Certas circunstâncias materiais muito

enervantes tinham -se-me modificado lisonjeiramente. Ao meu último volume e, recém -saído do prelo, estava-o acolhendo um magnífico sucesso. O próprio Sarzedas lhe dedicara um grande artigo elogioso e lúcido!...

Por sua parte, Ricardo só me e parecia feliz no seu lar.

Em suma, tinham os aportado. Agora sim : *vivíamos*.

Decorreram meses. Chegara o Verão. Haviam cessado as reuniões nocturnas em casa do artista. Luís de Monforte retirara-se para a sua quinta; Warginsky partira com três meses de licença para S. Petersburgo. Os dois poetazinhos tinham -se perdido em Trás-os-Montes. Só, de vez em quando — com o seu monóculo e o seu eterno sobretudo — surgia Aniceto Sarzedas, queixando-se do reumatismo e do último volume e que aparecera.

Depois de projectar uma viagem à Noruega, Ricardo decidiu ficar por Lisboa.

Queria trabalhar muito esse Verão, concluir o seu volume e *Diadema*, que devia ser a sua obra-prima. E francamente, o melhor para isso era permanecer na capital. Marta estando de acordo, assim sucedeu.

Foi neste tempo que a intimidade com a mulher do meu amigo mais se estreitou — intimidade onde nunca a sombria dum desejo se viera misturar, em breve passássemos os largos tempos juntos. Com efeito, numa ânsia de trabalho, Ricardo, após o jantar, logo nos deixava, encerrando-se no seu gabinete até às onze horas, me eia-noite...

As nossas palavras, de resto, apesar da nossa intimidade, somavam -se apenas numa conversa longínqua em que não apareciam as nossas almas. Eu expunha-lhe os enredos de futuras novelas, sobre as quais Marta dava a sua opinião — lia-lhe as minhas páginas recém -escritas, sem premissa camaradagem pura e inteectual.

Até aí nunca me ocorrera qualquer ideia misteriosa sobre a com

panheira do poeta. Ao contrário: ela parecia-m e bem real, bem simples, bem *certa*.

Mas aí, de súbito, um a estranha obsessão com eçou no m eu espírito...

Com o que acordado bruscam ente dum sonho, um a noite achei-m e perguntando a m im próprio:

— *Mas no fim de contas quem é esta mulher?...*

Pois eu ignorava tudo a seu respeito. Donde surgira? Quando a encontrara o poeta? Mistério... Em face de m im nunca ela fizera a m ínim a alusão ao seu passado. Nunca falara dum parente, dum a sua am iga. E, por parte de Ricardo, o m esm o silêncio, o m esm o inexplicável silêncio...

Sim , em verdade, tudo aquilo era m uito singular. Com o a conhecera o artista

— ele, que não tinha relações algum as, que nem m esm o frequentava as casas dos seus raros am igos — e com o aceitaria a ideia do m atrim ónio, que tanto lhe repugnava?... *O matrimónio?* Mas seriam eles casados?... Nem sequer disso eu podia estar seguro. Lem brava-m e num a rem iniscência vaga: na sua carta o m eu am igo não m e escrevera propriam ente que se tinha casado. Isto é: dizia-m o talvez, m as sem em pregar nunca um a palavra decisiva... Aludindo a sua m ulher, dizia sem pre *Marta* — reparava agora tam bém .

E foi então que m e ocorreu outra circunstância ainda m ais estranha, a qual m e

acabou de perturbar: *essa mulher não tinha recordações; essa mulher nunca se referira a uma saudade da sua vida*. Sim ; nunca m e falara dum sítio onde estivera, d'alguém que conhecera, dum a sensação que sentira — em sum a, da m ais pequena coisa: um laço, um a flor, um véu...

De m aneira que a realidade inquietante era esta: aquela m ulher erguia-se aos m eus olhos com o se não tivesse passado — *como se tivesse apenas um presente!*

Em vão tentei expulsar do espírito as ideias afogeadas. Mais e m ais cada noite elas se m e enclavinavam , focando-se hoj e toda a m inha agonia em desvendar o m istério.

Nas m inhas conversas com Marta esforçava-m e por obrigá-la a descer no seu passado. Assim lhe perguntava naturalm ente se conhecia tal cidade, se conservava m uitas rem iniscências da sua infância, se tinha saudades desta ou doutras épocas da sua vida... Mas ela — naturalm ente tam bém , suponho —

respondia iludindo as m inhas perguntas; m ais: *como se não me percebesse...* E, pela m inha parte, num enleio inj ustificado, faltava-m e sem pre a coragem para insistir — *perturbava-me como se viesse de cometer uma indelicadeza.*

Para a m inha ignorância ser total, eu nem m esm o sabia que sentimentos ligavam os dois esposos. Am ava-a realm ente o artista? Sem dúvida. Entanto nunca m o dissera, nunca se m e referira a esse am or, que devia existir com certeza. E, pelo lado de Marta, igual procedim ento — *como se tivessem pejo de aludir ao seu amor.*

Um dia, não m e podendo conter — vendo que da sua com panheira detalhe algum obtinha — decidi-m e a interrogar o próprio Ricardo.

E, num esforço, de súbito:

— É verdade — ousei — você nunca m e contou o seu rom ance...

No m esm o m om ento m e arrependi. Ricardo em palideceu; m urm urou quaisquer palavras e, logo, m udando de assunto, se pôs a esboçar-m e o plano dum dram a em verso que queria com por.

Entretanto a m inha ideia fixa volvera-se-m e num perfeito m artírio, e assim —

quer j unto de Marta, quer j unto do poeta — eu tentei por m ais dum a vez ainda suscitar algum a luz. Mas sem pre em balde.

Contudo o m ais singular da m inha obsessão, ia-m e esquecendo de o dizer: Não era com efeito o m istério que encerrava a m ulher do m eu am igo que, no fundo, m ais m e torturava. Era antes esta incerteza: a m inha obsessão seria um a realidade, existiria realm ente no m eu espírito; *ou seria apenas um sonho que eu tivera e não lograra esquecer, confundindo-o com a realidade?*

Todo eu agora era dúvidas. Em coisa algum a acreditava. Nem sequer na m inha obsessão. Cam inhava na vida entre vestígios, chegando m esm o a recear enlouquecer nos m eus m om entos m ais lúcidos...

Voltara o Inverno, e, com ele, os serões artísticos em casa do poeta, sucedendo aos dois vates perdidos definitivamente em Trás-os-Montes, um vago



o jornalista com pretensões a dramaturgo e Narciso do Amoral, o grande compositor. Sérgio Warginsky, loiro com o nariz, sempre o mais assíduo e o mais irritante.

A prova de que o meu espírito andava doente, muito doente, tive-a uma noite dessas — uma noite chuvosa de Dezembro...

Narciso do Amoral decidira-se enfim a executar-nos o seu concertante *Além*, que terminava há muitas semanas e que até hoje só ele conhecia.

Sentou-se ao piano. Os seus dedos feriram as teclas...

Automaticamente os meus olhos se tinham fixado na esposa de Ricardo, que se assentara num fauteuil ao fundo da casa, em um recanto, de maneira que só eu a podia ver olhando ao mesmo tempo para o pianista.

Longe dela, em pé, na outra extremidade da sala, permanecia o poeta.

Então, pouco a pouco, à medida que a música aumentava de maravilha, eu vi — sim, na realidade vi! — a figura de Marta dissipar-se, esbater-se, som a som, lentamente, até que desapareceu por completo. *Em face dos meus olhos abismados eu só tinha agora o fauteuil vazio...*

Fui de súbito acordado da minha imagem pelos aplausos dos auditores que a música genial transportara, fizera fremir, quase delirar...

E, velada, a voz de Ricardo alteou-se:

— Nunca vibrei sensações mais intensas do que perante esta música admirável. Não se pode exceder a emoção angustiante, perturbadora, que ela suscita. São véus rasgados sobre o além — o que a sua harmonia soçobra... Tive a impressão de que tudo quanto me constitui em alma, se precisou condensar para a estremeção — se reuniu dentro de mim, ansiosamente, em um globo de luz...

Calou-se. Olhei...

Marta regressara. Erguia-se do fauteuil nesse instante...

Ao dirigir-me para minha casa debaixo de uma chuva miudinha, im pertinente

— sentia-me esilvado por um turbilhão de garras d'ouro e chamava.

Tudo resvalava ao meu redor numa bebedeira de mistério, até que — num esforço de lucidez — consegui atribuir a visão fantástica à partitura imortal.

De resto eu apenas sabia que se tratava dum alucinação, porque era impossível explicar o estranho desaparecimento por qualquer outra forma. Ainda que na realidade o meu corpo se dissolvesse — devido aos lugares que ocupavam os na sala — presumivelmente só eu o teria notado. Com efeito, bem pouco natural seria que, em face de música tão sugestionadora, alguém pudesse desviar os olhos do seu admirável executante...

A partir dessa noite, a minha obsessão ainda mais se acentuou.

Parecia-me, em verdade, enlouquecer.

Quem era, mas quem era afinal essa mulher enigmática, essa mulher de sombrio? Donde provinha, *onde existia?* ... Falava-lhe há um ano, e era com o se nunca lhe houvesse falado... Coisa alguma sabia dela — a ponto que às vezes chegava a duvidar da sua existência. E então, numa ânsia, corria a casa do artista, a vê-la, a certificar-me da sua realidade — a certificar-me de que nem tudo era loucura: *pelo menos ela existia.*

Em mais dum ocasião já Ricardo pressentira em mim decerto alguma coisa extraordinária. A prova foi que um dia tarde, solícito se informou da minha saúde.

Eu respondi-lhe brutalmente — lembrou-me — afirmando com impaciência que nada tinha; perguntando-lhe que ideia estrambótica era essa.

E ele, admirado perante o meu furor inexplicável:

— Meu querido Lúcio — apenas com entonação — é preciso tomar os

conta com esses nervos...

Não podendo mais resistir à ideia fixa; adivinhando que o meu espírito soçobraria se não vencesse lançar enfim algum a luz sobre o mistério — sabendo que, nesse sentido, nada eu esperava junto de Ricardo ou de Marta — decidi valer-me e de qualquer outro meio, fosse ele qual fosse.

E eis com o principiou uma série de baixezas, de interrogações mais al dissimuladas, junto de todos os conhecidos do poeta — dos que deviam ter estado em Lisboa quando do seu *casamento*.

Para as minhas primeiras diligências escolhi Luís de Monforte.

Dirigi-me a sua casa, no pretexto de o consultar sobre se deveria conceder a minha autorização a certo dramaturgo que pensava em extrair um drama dum das minhas mais célebres novelas. Mas logo de com eco não tive mais em mim, e, interrompendo-me, me pus a fazer-lhe perguntas directas, ainda que um tanto vagas, sobre a mulher do meu amigo. Luís de Monforte ouviu-as com o se as estranhasse — *mas não por elas próprias, só por virem da minha parte*; e respondeu-me e chocado, iludindo-as, com o se as minhas perguntas fossem indiscrições a que seria pouco correcto responder.

O meu esmo — coisa curiosa — me succedeu junto de todos quantos interroguei.

Apenas Aniceto Sarzedas foi um pouco mais explícito,volvendo-me com uma infâmia e uma obscenidade — segundo o seu costume, de resto.

Ah! com o me senti humilhado, sujeito, nesse instante — que difficil me foi sustentar a minha raiva e não o esbofetear, estender-lhe a avelmante a mão, na noite seguinte, ao encontrá-lo em casa do poeta...

Estas diligências torpes, porém, foram vantajosas para mim. Com effeito se, durante elas, não averiguara coisa alguma — concluíra pelo menos isto: que

ninguém se admirava do que eu me admirava; que ninguém notara o que eu tinha notado. Pois todos me ouviram com o se nada de propriamente estranho, de misterioso, houvesse no assunto sobre o qual as minhas perguntas recaíam —

apenas com o se fosse indelicado, *como se fosse estranho da minha parte*

tocar nesse assunto. Isto é: ninguém m e com prendera... E assim m e cheguei a convencer de que eu próprio não teria razão...

De novo, por algum tem po, as ideias se m e desanuviaram ; de novo, serenam ente, m e pude sentar j unto de Marta.

Mas ai, foi bem curto este período tranquilo.

De todos os conhecidos do artista, só um eu não ousara abordar, tam anha antipatia ele m e inspirava — Sérgio Warginsky .

Ora um a noite, por acaso, encontrám o-nos no Tavares. Não houve pretexto para que não j antássem os à m esm a m esa...

...E de súbito, no m eio da conversa, m uito naturalm ente, o russo exclam ou, aludindo a Ricardo e à sua com panheira:

— Encantadores aqueles nossos am igos, não é verdade? E que am áveis... Já conhecia o poeta em Paris. Mas, a bem dizer, as nossas relações datam de há dois anos, quando fom os com panheiros de j ornada... Eu tom ara em Biarritz o *sud-express* para Lisboa. Eles faziam viagem no m esm o trem , e desde então...



IV

A

tordoaram -m e, positivam ente m e atordoaram , as palavras do russo.

Pois seria possível? *Ricardo trouxera-a de Paris?* ... Mas com o não a conhecera eu, sendo assim ? Acaso não o teria acom panhado à gare do Quai d'Orsay ? Fora verdade, fora, não o acom panhara — lem brei-m e de súbito.

Estava doente, com um fortíssim o ataque de gripe... E ele... Não; era im possível... não podia ser...

Mas logo, procurando m elhor nas m inhas rem iniscências, m e ocorreram pela prim eira vez, nitidam ente m e ocorreram , certos detalhes obscuros que se prendiam com o regresso do artista a Portugal.

Ele amava tanto Paris... e decidira regressar a Portugal... *Declararamo, e eu não me tinha admirado* — não me e tinha admirado com o se houvesse um a razão que justificasse, que exigisse esse regresso.

Ai, com o meu e arrependia hoje e de, com efeito, o não ter acompanhado à estação, em bora o meu eu incómodo, e talvez ainda outro motivo, que eu depois esquecera. Entretanto recordava-me e de que, apesar da minha febre, das minhas violentas dores de garganta, estivera prestes a erguer-me e a ir despedir-me e do meu eu agora... Porém, em face dum torpor físico que me e invadira todo, deixara-me e ficar estendido no leito, imerso numa profunda maledor, *numa estranha maledor de penumbra...*

Aquela maledor, ah! aquela maledor...

Quem seria... quem seria?... Com o sucedera *tudo aquilo?* ...

E só então me e lembrei distintamente da carta do poeta pela qual se me e afigurava ter sabido do seu enlace: a verdade era que, de forma alguma, ele me e participava um casamento nessa carta; nem sequer de longe aludia a esse acto —

falava-me e apenas das « transformações da sua vida », do seu lar, e tinha frases com o esta que me e bailava em letras de fogo diante dos olhos: « agora, que vive alguém a meu lado; que enfim de tudo quanto derroquei sem preme ergueu alguma coisa... »

E, facto extraordinário, notava eu hoje: ele referia-se a tudo isso com o se se tratasse de episódios que eu já conhecesse, sendo por conseguinte inútil narrá-los, só com entendo-os...

Mas havia outra circunstância, ainda mais bizarra: é que, pela minha parte, eu não me e admirava, com o se efectivam entre já tivesse conhecido *tudo isso*, que porém olvidara por completo, e que a sua carta agora, vagamente, me e vinha recordar...

Sim, sim: nem me e admirava, nem lhe falara do meu eu esquecimentos, nem lhe



fizera perguntas — não pensara sequer em lhe fazer, *não pensara em coisa alguma.*

Mais do que nunca o m istério subsistia pois; entretanto divergiu para outra direcção. Isto é: a ideia fixa que ele m e enclavinava no espírito, alterara-se essencialm ente:

Outrora o m istério apenas m e obcecava com o m istério: evidenciando-se, tam bém a m inha alm a se desensom braria. Era ele só a m inha angústia. E hoj e

— m eu Deus! — a tortura vovera-se em quebranto; o segredo que velava a m inha desconhecida, só m e atraía hoj e, só m e em briagava de cham panhe — era a beleza única da m inha existência.

Daí por diante seria eu próprio a esforçar-m e por que ele perm anecesse, im pedindo que luz algum a o viesse ilum inar. E quando desabasse, a m inha dor seria infinita. Mais: se ele soçobrasse, apesar de tudo, num a ilusão, talvez eu ainda o fizesse prosseguir!

O m eu espírito adaptara-se ao m istério — e esse m istério ia ser a arm adura, a cham a e o rastro d'ouro da m inha vida...

Isto, entretanto, não o avistei im ediatam ente; levou-m e m uitas semanas o aprendê-lo — e, ao descobri-lo, recuei horrorizado. Tive m edo; um grande m edo... O m istério era essa m ulher. Eu só am ava o m istério...

...Eu am ava essa m ulher! Eu queria-a! eu queria-a!...

Meu Deus, com o sangrei...

O espírito fendera-se-m e num a oscilação tem ível; um arrepio contínuo m e varava a carne ziguezagueantem ente. Não dorm ia, nem sequer sonhava. Tudo eram linhas quebradas em m eu redor, m anchas de luz podre, ruídos dissonantes...

Foi então que num ím peto de vontade, bem decidido, com ecei a procurar com toda a lucidez a força de salvar o precipício que estava j á bem perto, na m inha carreira... Logo a encontrei. O que m e im pelia para essa m ulher fazendo-m a ansiar esbraseadam ente, não era a sua alm a, não era a sua beleza — era só isto: o seu m istério. Derrubado o segredo, esvair-se-ia o encantam ento: eu poderia cam inhar bem seguro.

Assim determ inei abrir-m e inteiram ente com Ricardo, dizer-lhe as m inhas angústias, e suplicar-lhe que m e contasse tudo, tudo, que pusesse term o ao m istério, que preenchesse os espaços vazios da m inha m em ória.

Mas foi-m e im possível levar a cabo tal resolução. Desfaleci adivinhando que sofreria m uito m ais, m uito m ais fanadam ente, extinto o sortilégio, de que enquanto ele m e diluísse.

Quis ter porém outra coragem : a de fugir.

Desapareci durante um a sem ana fechado em m inha casa, sem fazer coisa algum a, passeando todo o dia à roda do m eu quarto. Os bilhetes do m eu am igo

princiaram chovendo, e com o nunca lhe respondesse, um a tarde ele próprio m e veio procurar. Disseram -lhe que eu não estava, m as Ricardo, sem ouvir, precipitou-se no m eu quarto a gritar-m e:

— Hom em ! que diabo significa isto? Posas ao neurasténico à últim a hora?

Vam os, faz-m e o favor de te vestir, e de m e acom panhares im ediatam ente a m inha casa.

Não soube articular um a razão, um a escusa. Apenas sorri volvendo:

— Não faças caso. São as m inhas esquisitices...

E, no m esm o instante, decidi não fugir m ais do precipício; entregar-m e à corrente — deixar-m e ir até onde ela m e levasse. *Com esta resolução voltou-me toda a lucidez.*

Acom panhei Ricardo. Ao j antar falou-se só da m inha « m adureza» , e o prim eiro a blagueá-la fui eu próprio.

Marta estava linda essa noite. Vestia um a blusa negra de crepe da China, am plam ente decotada. A saia m uito cingida deixava pressentir a linha escultural das pernas que uns sapatos m uito abertos m ostravam quase nuas, revestidas por m eias de fios m etálicos, entrecruzados em largos losangos por onde a carne surgia...

E pela prim eira vez, ao j antar, m e sentei a seu lado, pois o artista recusou o seu lugar do costum e pretextando um a corrente de ar...



O que foram as duas sem anas que sucederam a esta noite, não sei. Entretanto a minha lucidez continuava. Nenhum a ideia estranha feria o meu espírito, nenhum a hesitação, nenhum remorso... E contudo sabia-me e arrastado, deliciosamente arrastado, em uma nuvem de luz que me encerrava todo e me atordia os sentidos — *mas não deixava ver*, em bora eu tivesse a certeza de que eles me existiam bem lúcidos. *Era como se houvesse guardado o meu espírito numa gaveta...*

Foi duas noites após o meu regresso que as suas mãos, naturalmente, pela primeira vez encontraram as minhas...

Ah! com o as horas que passavam os solitários eram hoje e me agentes... As nossas palavras tinham -se volvido — pelo menos julgo que se tinham volvido —

frases sem nexos, sob as quais ocultavam os aquilo que sentiam os e não queriam os ainda desvendar, não por qualquer receio, mas assim, unicamente, num desejo o perverso de sensualidade.

Tanto que uma noite, sem me dizer coisa alguma, ela pegou nos meus dedos e com eles acariciou as pontas dos seios — a acará-las, para que enfolassem agrestemente o tecido ruivo do quimono de seda.

E cada noite era uma nova voluptuosidade silenciosa.

Assim, ora nos beijavam os os dentes, ora ela me estendia os pés descalços para que lhos roesse — me soltava os cabelos; me dava a trincar o seu sexo me aquilado, o seu ventre obscuro de tatuagens roxas...

E só depois de tantos requintes de brasa, de tantos êxtases perdidos — sem forças para prolongarmos os meus as nossas perversões — nos possuíamos os realmente.

Foi uma tarde triste, chuvosa e negra de Fevereiro. Eram quatro horas. Eu sonhava dela quando, de súbito, a encantadora surgiu na minha frente...

Tive um grito de surpresa. Marta porém logo me fez calar com um beijo o meu ordido...

Era a primeira vez que vinha a minha casa, e eu admirava-me, receoso da sua audácia. Mas não lho podia dizer: ela meordia-me e sempre...

Por fim os nossos corpos em baralharam -se, oscilaram perdidos num a

ânsia ruiva...

... E em verdade não fui eu que a possuí — ela, toda nua, ela sim, é que me



possuiu...

À noite, com o de costum e, j antei em casa de Ricardo.

Muito curiosa a disposição do meu espírito: nem o meu íntimo me orso, o meu íntimo me constrangimento — nuvem alguma. Pelo contrário, há muito me não via tão bem disposto. O próprio meu amigo o observou.

Falaram os dois largamente essa noite, coisa que há bastante não acontecia.

Ricardo terminara enfim nessa tarde o seu volume. Por isso nos não deixou...

... E no meio da sua conversa íntima, eu esquecera até o episódio dourado.

Olhando em redor de mim nem me esmorecia e ocorria que Marta estava seguramente perto de nós...

Na manhã seguinte, ao acordar, lembrei-me de que o poeta me dissera esta estranha coisa:

— Sabe você, Lúcio, que tive hoje um a bizarra alucinação? Foi à tarde.

Deviam ser quatro horas... Escrevera o meu último verso. Saí do escritório.

Dirigi-me para o meu quarto... Por acaso olhei para o espelho do guarda-vestidos e não me vi reflectido nele! Era verdade! Via tudo em redor de mim, via tudo quanto me cercava projectado no espelho. Só não via a minha imagem...

Ah! não calcula o meu espanto... a sensação misteriosa que me varou... Mas quer saber? Não foi uma sensação de pavor, foi uma sensação de orgulho.

Porém, reflectindo-me melhor, descobri que em realidade o meu amor não dissera nada disto. Apenas eu — numa remota inesciência muito com plicada e muito estranha — me lembrei brava, não de que verdadeiramente ele me o tivesse dito, mas as de que, entretanto, me o devera ter dito.

V

A nossa ligação, sem uma sombra, foi prosseguindo.

Ah! com o eu, ascendido, me orgulhava do meu amor... Vivia em sortilégio, no contínuo deslumbramento dum apoteose branca de carne...

Que delírios estrebuchavam os nossos corpos doidos... com o eu me sentia pouca coisa quando ela se atravessava sobre mim, iriada e sombria, toda nua e litúrgica...

Como havia sem pre aturdido do seu encanto — do meu triunfo. Eu tinha-a! Eu tinha-a!... E erguia-se tão longe o meu entusiasmo, era tamanha a minha ânsia que às vezes — com os amores baratos escrevem nas suas cartas romancescas e patetas — eu não podia crer na minha glória, chegava a recear que tudo aquilo fosse apenas um sonho.

A minha convivência com Ricardo seguia sem pre a mesma, e o meu afecto.

Nem me arrependia, nem me condenava. De resto, antevendo-me em todas as situações, já anteriormente me e supusera nas minhas circunstâncias actuais, adquirindo a certeza de que seria assim.

Com efeito, segundo o meu sentir, eu não prejudicava o meu amor em coisa alguma, não lhe fazia doer — ele não descera coisa alguma na minha estima.

Nunca tive a noção convencional de certas ofensas, de certos escrúpulos. De nenhum modo procedia pois contra ele; transpondo-me, não me sabia indignar com o que lhe tinha feito.

Aliás, ainda que o meu procedimento fosse na verdade um crime, eu não praticava esse crime e por isso, *criminosamente*. Eis pelo que me era impossível ter remorsos.

Se lhe mentia — estimava-o entretanto com o mesmo affecto. Mentir

não é m enos querer.

Porém — coisa estranha — este am or pleno, este am or sem rem orsos; eu vibrava-o insatisfeito, dolorosam ente. Fazia-m e sofrer m uito, m uito. Mas porquê, m eu Deus? Cruel enigm a...

Am ava-a, e ela queria-m e tam bém , decerto... dava-se-m e toda em luz...

Que m e faltava?

Não tinha súbitos caprichos, recusas súbitas, com o as outras am antes. Nem m e fugia, nem m e torturava. Que m e doía então?

Mistério...

O certo é que ao possuí-la eu era todo m edo — m edo inquieto e agonia: agonia de ascensão, m edo raiado de azul; entanto m orte e pavor.

Longe dela, recordando os nossos espasm os, vinham -m e de súbito incom preensíveis náuseas. Longe dela? Mesm o até no m om ento dourado da posse essas repugnâncias m e nasciam a alastrarem -m e, não a resum irem -m e, a

enclavinharem -m e os êxtases arfados: e — cúm ulo da singularidade — essas repugnâncias eu não sabia, m as adivinhava, serem apenas repugnâncias físicas.

Sim , ao esvaí-la, ao lem brar-m e de a ter esvaído, subia-m e sem pre um além -

gosto a doença, a m onstruosidade, com o se possuía um a criança, um ser doutra espécie ou um cadáver...

Ah! e o seu corpo era um triunfo; o seu corpo glorioso... o seu corpo bêbedo de carne — arom ático e lustral, evidente... salutar...

As lutas em que eu hoj e tinha de m e debater para que ela não suspeitasse as m inhas repugnâncias, repugnâncias que — j á disse e acentuo — apenas vinham contorcer os m eus desej os, aum entá-los...

Elançava-m e agora sobre o seu corpo nu, com o quem se arrem essasse a um abism o encapelado de som bras, tilintante de fogo e gum es de punhais — ou com o quem bebesse um veneno subtil de m

aldição eterna, por um a taça d'ouro, heráldica, ancestral...

Cheguei a reçar-m e, não a fosse um dia estrangular — e o m eu cérebro, por vezes de m isticism os incoerentes, logo pensou, num rodopio, se essa m ulher fantástica não seria apenas um dem ónio: o dem ónio da m inha expiação, noutra vida a que eu j á houvesse baixado.

E as tardes iam passando...

Por m ais que diligenciasse referir toda a m inha tortura à nossa m entira, ao nosso *crime* — não m e lograva enganar. Coisa algum a eu lastim ava; não podia ter rem orsos... Tudo aquilo era quim era!

Volvido tem po, porém , à força de as querer descer, de tanto m editar nestas estranhezas, com o que enfim m e adaptei a elas. E a tranquilidade regressou-m e.

Mas este novo período de calm a bem pouco durou. Em face do m istério não se pode ser calm o — e eu depressa m e lem brei de que ainda não sabia coisa algum a dessa m ulher que todas as tardes em aranhava.

Nas suas conversas m ais íntim as, nos seus am plexos m ais doidos, ela era sem pre a m esm a esfinge. Nem um a vez se abrira com igo num a confiança —

e continuava a ser a que não tinha um a recordação.

Depois, olhando m elhor, nem era só do seu passado que eu ignorava tudo —

tam bém duvidava do seu presente. Que faria Marta durante as horas que não viviam os j untos? Era extraordinário! Nunca m e falara delas; nem para m e contar o m ais pequenino episódio — qualquer desses episódios fúteis que todas as m ulheres, que todos nós nos apressam os a narrar, narram os m aquinalm ente, ainda os m ais reservados... *Sim, em verdade, era como se não vivesse quando estava longe de mim.*

Passou-m e esta ideia pelo espírito, e logo encontrei outro facto m uito estranho: Marta parecia não viver quando estava longe de m im . Pois bem , pela m inha parte, quando a não tinha ao m eu lado, coisa algum a m e restava que, m aterialm ente, m e pudesse provar a sua

existência: nem um a carta, um véu, um a flor seca — nem retratos, nem m adeixas. Apenas o seu perfume e, que ela deixava penetrante no m eu leito, que bailava subtil em m inha volta. Mas um perfume é um a irrealidade. Por isso, com o outrora, descia-m e a m esm a ânsia de a ver, de a ter j unto de m im para estar bem certo de que, pelo m enos, *ela existia*.

Evocando-a, nunca a lograra entrever. As suas feições escapavam -m e com o nos fogem as das personagens dos sonhos. E, às vezes, querendo-as recordar por força, as únicas que conseguia suscitar em im agem eram as de Ricardo. Decerto por ser o artista quem vivia m ais perto dela.

Ah! bem forte, sem dúvida, o m eu espírito, para resistir ao turbilhão que o silvava...

(Entre parênteses observe-se, porém , que estas obsessões reais que descrevo nunca foram contínuas no m eu espírito. Durante sem anas desapareciam por com pleto e, m esm o nos períodos em que m e varavam , tinham fluxos e refluxos.) Juntam ente com o que deixo exposto, e era o m ais frisante das m inhas torturas, outras pequeninas coisas, traiçoeiras ninharias, m e vinham fustigar.

Coloca-se até aqui um episódio curioso que, em bora sem grande im portância, é conveniente referir:

Apesar de grandes am igos e de íntim os am igos, eu e Ricardo não nos tratávam os por tu, devido com certeza à nossa intim idade ter principiado relativam ente tarde — não serm os com panheiros de infância. De resto, nunca sequer atentáram os no facto.

Ora, por esta época, eu encontrei-m e por vezes de súbito a tratar o m eu am igo por tu. E quando o fazia, logo m e em endava, *corando como se viesse de praticar*

uma imprudência. E isto repetia-se tão am iudadam ente que o poeta um a noite m e observou com a m aior naturalidade:

— Hom em , escusas de ficar todo atrapalhado, titubeante, verm elho com o um a m alagueta, quando te enganas e m e tratas por tu. Isso é ridículo entre nós. E

olha, fica com binado: de hoj e em diante acabou-se o « você » . Viva o « tu » ! É

m uito m ais natural...

E assim se fez. Contudo, nos prim eiros dias, eu não soube retrain um certo em barão ao em pregar o novo tratam ento — *tratamento que me fora permitido*.

Ricardo, virando-se para Marta, m ais de um a vez m e troçou, dizendo-lhe:

— Este Lúcio sem pre tem cada esquisitice... Não vê? Parece um a noiva lirial... um a pom binha sem fel... Que m arocas!...

Entretanto este m eu em barão tinha um m otivo — com plicado esse, por sinal: Nas nossas entrevistas íntim as, nos nossos am plexos, eu e Marta tratávam o-nos por tu.

Ora, sabendo-m e m uito distraído, eu receava que algum a vez, em frente de Ricardo, m e enganasse e a fosse tratar assim .

Este receio converteu-se por últim o num a ideia fixa, e por isso m esm o, por esse excesso de atenção, com ecei um dia a ter súbitos descuidos. *Porém, dessas vezes, eu encontrava-me sempre a tratar por tu, não Marta, mas Ricardo.*

E em bora depois tivéssem os assentado usar esse tratam ento, o m eu em barão continuou durante alguns dias com o se ingenuam ente, confiadam ente, *Ricardo* houvesse exigido que eu e a sua com panheira nos tratássem os por tu.

As m inhas entrevistas am orosas com Marta, realizavam -se sem pre em m inha casa, à tarde.

Com efeito ela nunca se m e quisera entregar em sua casa. Em sua casa apenas m e dava os lábios a m order e consentia vícios prateados.

Eu adm irava-m e até m uito da facilidade evidente que ela tinha em se encontrar com igo todas as tardes à m esm a hora, em se dem orar largo tem po.

Um a vez recom endei-lhe prudência. Ela riu. Pedi-lhe explicações: com o não eram estranhadas as suas longas ausências, com o m e chegava sem pre tranquila, cam inhando pelas ruas desensom bradam ente, nunca se preocupando com as horas... E ela então soltou um a gargalhada, m ordeu-m e a boca... fugiu...

Nunca m ais a interroguei sobre tal assunto. Seria m au gosto insistir.

Entretanto fora m ais um segredo que se viera j untar à m inha obsessão, a excitá-la...

De resto, as im prudências de Marta não conheciam lim ites.

Em sua casa beij ava-m e com as portas todas abertas, sem se lem brar de que qualquer criado nos poderia descobrir — ou m esm o o próprio Ricardo, que m uitas vezes, de súbito, saía do seu gabinete de trabalho. Sim , ela nunca tinha desses receios. Era com o se tal nos não pudesse acontecer — *tal como se nós nos não beijássemos...*

Aliás, se havia alguém bem confiante, era o poeta. Bastava olhá-lo para logo se ver que nenhum a preocupação o torturava. Nunca o vira tão satisfeito, tão bem disposto.

Um vago ar de tristeza, de am argura, que após o seu casam ento ainda de vez em quando o anuviava, esse m esm o desaparecera hoj e por com pleto — com o se, com o decorrer dos dias, ele j á tivesse esquecido o acontecim ento cuj a lem brança lhe suscitava aquela ligeira nuvem .

As suas antigas com plicações d’alm a, essas, m al eu chegara a Lisboa logo ele m e dissera que j á não o desolavam — pois que, nesse sentido, a sua vida se *limpara*.

E — facto curioso — j ustam ente depois de Marta ser m inha am ante é que tinham cessado todas as nuvens, é que eu via m elhor a sua boa disposição — o seu orgulho, o seu j úbilo, *o seu triunfo...*

As im prudências de Marta aum entavam agora dia a dia.

Num a audácia louca, nem retinha j á certos gestos de ternura a m im dirigidos, na presença do próprio Ricardo!

Todo eu trem ia, m as o poeta nunca os estranhava — *nunca os via*; ou, se os



via, era só para se rir, para os acom panhar.

Assim , um a tarde de Verão, lanchávam os no terraço, quando Marta

de súbito

— num gesto que, em verdade, se poderia tomar por um aplauso brincadeira agarrada — e eu andou beijá-la na fronte, em castigo de qualquer coisa que eu lhe dissesse.

Hesitei, fiz-me muito vermelho; mas como o Ricardo insistisse, curvei-me e tremulo de medo, estendi os lábios mais os pousando na pele...

E Marta:

— Que beijar o tão desgraçado! Parece impossível que ainda não saiba dar um beijo... Não tem vergonha? Anda, Ricardo, ensina-o tu...

Rindo, o meu amigo ergueu-se, avançou para mim ... tomou-me o rosto...

beijou-me...

O beijo de Ricardo fora igual, exactamente igual, tivera a mesma cor, a mesma perturbação que os beijos da minha amante. Eu sentia-o da mesma maneira.

VI

Mais e mais a minha tortura se exacerbava cada noite. E embora visse claramente que todo o meu sofrimento, todos os meus receios provinham só de obsessões destruídas e que, portanto, muito pouco algum havia para eu os ter

— o certo é que, pelo menos, uma certeza lúcida me restava pressentida: fosse com o fosse, havia em todo o caso um motivo real no arrependimento de meu medo que me varava a todo o instante. Seriam destruídas as minhas obsessões — ah!

mas eram justos, no fundo, os meus receios.

Os nossos encontros prosseguiram sem premissas todas as tardes em minha casa, e eu hoje esperava, tremendo, a hora dos nossos amplexos. Tremendo e, ao mesmo tempo, a ansiar numa agonia aquilo que me fazia tremar.

Esquecera as minhas repugnâncias; o que me oscilava agora era outra dúvida: apesar de os nossos corpos se emaranharem, se

incrustarem , de ela ter sido m inha, toda m inha — com eçou a parecer-m e, não sei porquê, que nunca a possuía inteiram ente; m esm o que não era possível possuir aquele corpo inteiram ente por um a im possibilidade física qualquer: *assim como se « ela» fosse do meu sexo!*

E ao penetrar-m e esta ideia alucinadora, eu lem brava-m e sem pre de que o beij o de Ricardo, esse beij o m asculino, m e soubera às m ordeduras de Marta; tivera a m esm a cor, a m esm a perturbação...



Passaram -se alguns m eses.

Entre períodos m ais ou m enos tranquilos, o tem po ia agora seguindo. Eu olvidava a m inha inquietação, o m eu m istério, elaborando um novo volum e de novelas — o últim o que devia escrever...

Meus tristes sonhos, m eus grandes cadernos de proj ectos — acum ulei-vos...

acum ulei-vos num a ascensão, e por fim tudo ruiu em destroços... Etéreo construtor de torres que nunca se ergueram , de catedrais que nunca se sagraram ... Pobres torres de luar... pobres catedrais de neblina...

Por este tem po, houve tam bém um a época m uito interessante na m inha crise que não quero deixar de m encionar: durante ela eu pensava m uito no m eu caso, m as sem de form a algum a m e atribular — friam ente, desinteressadam ente, com o se esse caso se não desse com igo.

E punha-m e sobretudo a percorrer o com eço da nossa ligação. De que m odo se iniciara ela? Mistério... Sim , por m uito estranho que pareça, a verdade é que eu m e esquecera de todos os pequenos episódios que a deviam forçosam ente ter antecedido. Pois decerto não com eçaram os logo por beij os, por carícias viciosas

— houvera sem dúvida qualquer coisa antes, que hoj e não m e podia recordar.

E o m eu esquecim ento era tão grande que, a bem dizer, eu não tinha a sensação de haver esquecido esses episódios: parecia-m e im possível

recordá-los, com o impossível é recordarm o-nos de coisas que nunca sucederam ...

Mas estas bizzarrias não m e dilaceravam , repito: durante esta época eu exam inei-m e sem pre de fora, num deslum bram ento — num deslum bram ento lúcido, donde provinha o m eu alívio actual.

E só m e lem brava — conform e narrei — do prim eiro encontro das nossas m ãos, do nosso prim eiro beij o... Nem de tanto, sequer. A verdade sim ples era esta: eu sabia apenas que devera ter havido seguram ente um prim eiro encontro de m ãos, um a prim eira m ordedura nas bocas... com o em todos os rom ances...

Quando a saudade desse prim eiro beij o m e acudia m ais nítida — ele surgia-m e sem pre com o se fora a coisa m ais natural, a m enos crim inosa, ainda que dado na boca... Na boca? Mas é que eu nem m esm o disso estava seguro. Pelo contrário: era até m uito possível que esse beij o m o tivessem dado na face —

com o o beij o de Ricardo, *o beijo semelhante aos de Marta...*

Meu Deus, m eu Deus, quem m e diria entretanto que estava ainda a m eio do m eu calvário, que tudo o que eu j á sofrera nada valeria em face dum a nova tortura — ai, desta vez, tortura bem real, não sim ples obsessão...

Com efeito um dia com ecei observando um a certa m udança na atitude de



Marta — nos seus gestos, no seu rosto: um vago constrangim ento, um alheam ento singular, devidos sem dúvida a qualquer preocupação. Ao m esm o tem po reparei que j á não se m e entregava com a m esm a intensidade.

Dem orava-se agora m enos em m inha casa e um a tarde, pela prim eira vez faltou.

No dia seguinte não aludiu à sua ausência, nem eu tão-pouco m e atrevi a perguntar-lhe coisa algum a. Entretanto notei que a expressão do seu rosto m udara ainda: voltara a serenidade m elancólica do seu rosto — m as essa serenidade era hoj e diferente: m ais loira, m ais sensual, m ais esbatida...

E desde aí, principiou a não m e aparecer am iudadas vezes — ou chegando fora das horas habituais, entrando e logo saindo, sem se m e entregar.

De m aneira que eu vivia agora num m artírio incessante. Cada dia que se levantava, era cheio do m edo de que ela m e faltasse. E desde a m anã a esperava, fechado em casa, num a excitação indom ável que m e quebrava, que m e ardia.

Por seu lado, Marta nunca tinha pensado em j ustificar-m e as suas ausências, as suas recusas. E eu, em bora o quisesse, ardentem ente o quisesse, não lhe ousava fazer a m ais ligeira pergunta.

De resto, devo explicar que, desde o início da nossa ligação, terminara a nossa intim idade. Com efeito, desde que Marta fora m inha — eu olhava-a com o se olha alguém que nos é m uito superior e a quem tudo devem os. Recebera o seu am or com o um a esm ola de rainha — com o aquilo que m enos poderia esperar, *como uma impossibilidade*.

Eis pelo que não arriscava um a palavra.

Eu era apenas o seu escravo — um escravo a quem se prostituíra a patrícia debochada... Mas, por ser assim , tanto m ais contorcida se enclavinava a m inha angústia.

Um a tarde decidi-m e.

Passara há m uito a hora depois da qual Marta nunca vinha.

— Ah! que faria nesse instante! Por que não viera!?...

Fosse com o fosse, era preciso saber algum a coisa!

Já m ais de um a vez, quando ela m e faltava, eu estivera prestes a ir procurá-la.

Mas nunca ousara sair do m eu quarto, no receio pueril de que — em bora m uito tarde — ainda aparecesse.

Nesse dia, porém , pude-m e vencer. Decidi-m e...

Corri à casa do m eu am igo num a ânsia esbraseada...

Fui encontrá-lo no seu gabinete de trabalho, entre um a avalanche de papéis, fazendo um a escolha dos seus versos inéditos para um a distribuição em dois volum es — distribuição que há m ais dum ano o torturava.

— Ainda bem que apareceste! — gritou-m e. — Vais-m e aj udar nesta horrível



tarrafa!...

Volvi-lhe balbuciando, sem m e atrever a perguntar pela sua com panheira, m otivo único da m inha inesperada visita... Estaria em casa? Era pouco provável.

Entanto podia ser...

Só a vi ao j antar. Tinha um vestido-tailleur, de passeio...

Agora todas as m inhas obsessões se haviam dissipado, convertidas em ciúm e

— ciúm e que eu ocultava à m inha am ante com o um a vergonha, que fazia por ocultar a m im próprio, tentando substituí-lo pelos m eus antigos desvairios. Mas sem pre em balde.

Contudo nunca passavam três dias seguidos sem que Marta m e pertencesse.

O horror físico que o seu corpo j á m e suscitara tinha voltado de novo. Esse horror, porém , e o ciúm e, m ais m e faziam desej á-la, m ais alastravam em cores fulvas os m eus espasm os.

Muitas vezes repeti a experiência de correr a sua casa nas tardes em que ela não vinha. Mas sem pre encontrava Ricardo. Marta não aparecia senão ao j antar... E eu, na m inha incrível tim idez, nunca perguntava por ela — esquecia-m e m esm o de o fazer, com o se não fosse para isso só que viera procurar o m eu am igo àquela hora...

Porém , um dia o poeta adm irou-se das m inhas visitas intem pestivas, do ar febril com que eu chegava e, desde então, nunca m ais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.

Decidi espioná-la.

Um a tarde tom ei um coupé e, descidas as cortinas, m andei-o parar perto de sua casa... Esperei algum tem po. Por fim ela saiu. Ordenei ao cocheiro que a seguisse a distância...

Marta tom ou por um a rua transversal, dobrou à esquerda, enveredou por um a avenida paralela àquela em que habitava e onde as construções eram ainda raras. Dirigiu-se a um pequeno prédio de azulej os verdes. Entrou sem bater...

Ah! com o eu sofria! com o eu sofria!... Fora buscar a prova evidente de que ela tinha outro am ante... Louco que eu era em a ter ido procurar... Hoj e, nem m esm o que quisesse, m e poderia j á iludir...

E com o eu m e enganara outrora pensando que não seria sensível à traição carnal dum a m inha am ante, que pouco m e faria que ela pertencesse a outros...

Com eçou então a últim a tortura...

Num grande esforço baldado, procurei ainda olvidar-m e do que descobrira —

esconder a cabeça debaixo dos lençóis com o as crianças, com m edo dos ladrões, nas noites de Inverno.

Ao entrelaçá-la, hoj e, debatia-m e em êxtases tão profundos, m ordia-a tão sofregam ente, que ela um a vez se m e queixou.

Com efeito, sabê-la possuída por outro am ante — se m e fazia sofrer na alm a, só m e excitava, só m e contorcia nos desej os...

Sim ! sim ! — laivos de roxidão! — aquele corpo esplêndido, triunfal, dava-se a três hom ens — três m achos se estiraçavam sobre ele, a poluí-lo, a sugá-lo!...

Três? Quem sabia se um a m ultidão?... E ao m esm o tem po que esta ideia m e despedaçava, vinha-m e um desej o perverso de que assim fosse...

Ao estrebuchá-la agora, em verdade, era com o se, em beij os m onstruosos, eu possuísse tam bém todos os corpos m asculinos que resvalavam pelo seu. A m inha ânsia convertera-se em achar na sua carne um a m ordedura, um a escoriação de am or, qualquer rastro doutro am ante...

E um dia de triunfo, finalmente, descobri-lhe no seio esquerdo um a grande nódoa negra... Num ím peto, num a fúria, coleí a m inha boca a essa m ancha —

chupando-a, trincando-a, dilacerando-a...

Marta, porém, não gritou. Era m uito natural que gritasse com a m inha violência, pois a boca ficara-m e até sabendo a sangue. Mas o certo é que não teve um queixum e. Nem m esm o parecera notar essa carícia brutal...

De m odo que, depois de ela sair, eu não pude recordar-m e do m eu beij o de fogo — foi-m e im possível relem brá-lo num a estranha dúvida...

Ai, quanto eu não daria por conhecer o seu outro am ante... os seus outros am antes...

Se ela m e contasse os seus am ores livres e, sinceram ente, se eu não ignorasse as suas horas — todo o m eu ciúm e desapareceria, não teria razão de existir.

Com efeito, se ela não se ocultasse de m im, *se apenas se ocultasse dos outros*, eu seria o prim eiro. Logo, só m e poderia envaidecer; de form a algum a m e poderia revoltar em orgulho. Porque a verdade era essa, atingira: todo o m eu sofri ento provinha apenas do m eu orgulho ferido.

Não, não m e enganara outrora, ao pensar que nada m e angustiaría por a m inha am ante se entregar a outros. Unicam ente era necessário que ela m e contasse os seus am ores, os seus espasm os até.

O m eu orgulho só não adm itia segredos. E em Marta era tudo m istério. Daí a m inha angústia — *daí o meu ciúme*.

Muita vez — j ulgo — diligencieí fazer-lhe com prender isto m esm o, evidenciar-lhe a m inha form a de sentir, a ver se provocava um a confissão inteira da sua parte, cessando assim o m eu m artírio. Ela, porém, ou nunca m e percebeu, ou era resum ido o seu affecto para tam anha prova de am or.

Se em face do m eu ciúm e todas as outras obsessões haviam soçobrado, restavam -m e ainda — com o j á disse — as m inhas

repugnâncias incompreensíveis. E procurando de novo aclará-las a mim próprio, assaltou-me e de súbito este receio: *seriam elas originadas pelo outro amante?*

Eu me explico:

Tive sempre grandes antipatias físicas, me eram ente exteriores. Lembro-me e por exemplo de que, em Paris, a um restaurante onde todas as noites jantava com Gervásio Vila-Nova, ia algumas vezes um a rapariga italiana, deveras graciosa — me odelo sem dúvida — que muito me enternecia, que eu cheguei quase a desejar.

Mas em breve tudo isso passou.

É que a vira um domingo caminhando de mãos dadas com certo indivíduo que eu abominava com o mesmo aior dos tédios, e que já conhecia de o encontrar todas as tardes jogando as cartas num café burguês da Praça S. Michel. Era escarradamente o que as damas de quarenta anos e as criadas de servir chamam *um lindo rapaz*. Muito branco, rosadinho e loiro, bigodito bem frisado, o cabelo encaracolado; uns olhos pestanudos, uma boca pequenina — meiguinho, todo esculpido em me antiga; oleoso nos seus me odo, nos seus gestos. Caixeiro de loja de modas — ah! não podia deixar de ser!...

Em birra de tal forma com sempre elhante criatura açucarada, que nunca mais tinha voltado ao café provinciano da Praça S. Michel. Com efeito era-me

impossível sofrer a sua presença. Dava-me sempre vontade de vomitar em face dele, na mesma náusea que me provocaria um amistura de toucinho rançoso, enxúndia de galinha, me el, leite e erva-doce...

Ao encontrá-lo — o que não era raro — eu não sabia nunca evitar um gesto de impaciência. Uma manhã por sinal nem almocei, pois abancando num restaurante que não frequentava habitualmente, o alambicado personagem tivera a desfaçatez de se vir sentar diante de mim, na mesma mesa... Ah! que desejo enorme me afogueou de o esbofetear, de lhe esmurrar o narizinho num chuveiro de me urros... Mas contive-me. Paguei e fugi.

Ora encontrar essa pequena galante de mãos dadas com tamanho imbecil —

fora o mesmo o do que a ver tombar morta a meus pés. Ela não

deixara de ser um amor — é claro — mas eu é que nunca mais a poderia sequer aproximar.

Sujeira-a para sem pre o homenzinho loiro, engordurara-a. E se eu a beijasse, logo me ocorreria a sua pele branca e anteigada, vir-me-e-ia um gosto húmido à saliva, as coisas pegajosas e viscosas. Possuía-la então, seria o mesmo que banhar-me e num mar sujo, de espumas e arelas, onde boiassem palhas, pedaços de cortiça e cascas de melões...

Pois bem : e se as minhas repugnâncias em face do corpo admirável de Marta tivessem a mesma origem ? Se esse amor ante que eu ignorava fosse alguém que me inspirasse um grande nojo?... Podia muito bem ser assim , num pressentimento, tanto mais que — já o confessei — ao possuí-la, eu tinha a sensação monstruosa de possuir também o corpo másculo desse amor.

Mas a verdade é que, no fundo, eu estava quase certo de que me enganava ainda; de que era homem bem diferente, bem mais complicado a razão das minhas repugnâncias misteriosas. Ou melhor: que mesmo que eu, se o conhecesse, antipatizasse com o seu amor, não seria esse o motivo das minhas náuseas.

Com efeito a sua carne de forma alguma me repugnava num a sensação de enjoo — a sua carne só me repugnava num a sensação de monstruosidade, de *desconhecido*: eu tinha nojo do seu corpo como sem pre tive nojo dos epiléticos, dos loucos, dos feiticeiros, dos iluminados, dos reis, dos papas — da gente que o mistério grifou...

Numa derradeira vontade tentei ainda provocar uma explicação com Marta

— descrever-lhe sinceramente todo o meu martírio, ou, pelo menos, insultá-la.

Enfim , pôr um termo qualquer à minha situação infernal.

Mas não o consegui nunca. Quando ia a dizer-lhe a primeira palavra, via os seus olhos de infinito... o seu olhar fascinava-me. E com o *medium* no estado hipnótico eram outras as frases que eu proferia — talvez só as que ela me obrigava a pronunciar.

Então resolvi, pelo menos, saber de qualquer forma quem era o habitante do prediozinho verde. Repugnavam-me e muito as

diligências suspeitas, mas as não descera eu já a seguir Marta?

Assim, enchi-me de arrojo e determinei ir perguntar pelas cercanias informações sobre o que eu desejava averiguar, recorrendo mesmo ao último caso ao porteiro — se é que o prédio tinha guarda-portão.

Escolhi a minha amiga para as minhas investigações, dia em que eu e Marta só nos encontrávamos em casa do poeta, que todas as tardes de domingo nos levava a passear no seu automóvel, o qual então — estavam os em 1899 —

fazia grande sucesso em Lisboa.

Porém, ao dobrar a rua transversal que levava à avenida onde era o prédio misterioso, tive um gesto de despeito: Ricardo caminhava na minha frente. Não me pude esconder. Ele virou-me já, não sei com o:

— Hein? Tu por aqui a estas horas?... — gritou admirado.

Reuni todas as minhas forças para balbuciar:

— É verdade... Ia a tua casa... Mas lembrei-me de ver estas ruas novas...

Ando tão aborrecido...

— Do calor?

— Não... E tu próprio... diz-me... Nunca costumavas sair de minha... sobretudo aos domingos...

— Ah! um a mim adreza com o outro qualquer. Concluí agora mesmo os versos.

Ena ânsia de os ler a alguém, ia a casa do Sérgio Warginsky para lhes mostrar...

É aqui perto... Anda comigo... Fazem os horas para o almoço...

A estas palavras todo eu tremi num arrepio. Silencioso, pus-me a acompanhar-lhe, mais aquilamente.

O artista quebrou o silêncio:

— Então, e a tua peça?

— Terminei-a a semana passada.

— O quê!? Mas ainda não me tinham dito coisa alguma!...

Desculpei-me e me envergonhando:

— É que me esqueci, talvez...

— Homem! tens cada resposta que não lembras ao diabo!... —
recordo-me e perfeitamente de que ele exclamava rindo. E prosseguiu:

— Mas conta-me depressa... Estás satisfeito com a tua obra?... Com o
resolveste afinal aquela dificuldade do segundo acto? O escultor sem
pre me orre?

...

E eu:

— Resolveu-se tudo muito bem. O escultor...

Chegaram os defrontes do prediozinho verde. Interrompi-me e de
súbito...

Não! não era ilusão: em face de nós, no outro passeio, Marta sem pre
nos seus passos leves, indecisos mas rápidos, silenciosos — sem nos
ver, sem reparar em redor de si, dirigia-se ao prédio misterioso, batia
à porta desta vez, entrava...

E, ao mesmo tempo, apertando-me o braço bruscamente, dizia-me
o poeta:

— No fim de contas é um disparate irmos incomodar o russo. O que
eu estou é ansioso por conhecer o teu drama. Vamos buscá-lo aos dois
a tua casa. Quero ouvi-lo esta tarde. Tanto mais que o automóvel
precisa conserto. Aquilo, diga-me



dia não, é uma peça que se parte...

Vivi todo o resto desse dia com o que envolto num denso véu de bruma.

Entanto pude ler o meu drama a Ricardo e a Marta. Sim, quando

voltám os ao palacete, após term os passado por m inha casa, j á Marta regressara, *e notei mesmo que já tinha mudado de vestido* — em bora contra o seu costum e, não vestisse um traj e de interior, m as sim um a toilette de passeio.

Lem bro-m e tam bém de que durante toda a leitura da m inha peça só tive esta sensação lúcida: que era bizarro com o eu, no m eu estado de espírito podia entretanto trabalhar.

De resto, conform e observei, as m inhas dores, as m inhas angústias, as m inhas obsessões eram interm itentes, tinham fluxos e refluxos: com o nos dias de revolta social, entre os tiros de canhão e o tiroteio nas praças, a vida diária prossegue —

tam bém , no m eio da m inha tortura, seguia a m inha vida intelectual. Por isso m esm o lograra esconder de todos, até hoj e, a atribulação do m eu espírito.

Mas, j untam ente com a ideia lúcida que descrevi, sugerira-se-m e durante a leitura outra ideia m uito estram bótica. Fora isto: pareceu-m e vagam ente que eu era o m eu dram a — a coisa artificial — e o m eu dram a a realidade.

Um parêntese:

Quem m e tiver seguido deve, pelo m enos, reconhecer a m inha im parcialidade, a m inha inteira franqueza. Com efeito, nesta sim ples exposição da m inha inocência, não m e poupo nunca a descrever as m inhas ideias fixas, os m eus aparentes desvairros que, interpretados com estreiteza, poderiam levar a concluir, não pela m inha culpabilidade, m as pela m inha em bustice ou — critério m ais estreito — pela m inha loucura. Sim , *pela minha loucura*; não receio escrevê-lo. Que isto fique bem frisado, porquanto eu necessito de todo o crédito para o final da m inha exposição, tão m isterioso e alucinador ele é.

Ricardo e Marta felicitaram -m e m uito pela m inha obra — creio. Mas não o posso afirm ar, em virtude do denso véu de brum a cinzenta que m e envolvera, e que só m e deixou nítidas as lem branças que j á referi.

Jantei com os m eus am igos. Despedi-m e cedo pretextando um ligeiro incóm odo.

Corri para m inha casa. Deitei-m e logo... Mas antes de adorm ecer, revendo a cena culm inante do dia, observei esta estranha coisa: Ao

pararm os em face do prédio verde, de súbito eu vira Marta avançar distraída até bater à porta... Ora, segundo a direcção em que ela m e aparecera, era fatal que tinha vindo sem pre atrás de nós. Logo, ela devia-m e ter visto; *logo eu devia-a ter visto* quando — lem brava-m e m uito bem — olhara para trás, por sinal em frente dum grande prédio em construção...

E ao m esm o tem po — ignoro por que m otivo — lem brei-m e de que o m eu



am igo, quando decidira de repente não ir a casa de Warginsky, term inara a sua frase com estas palavras:

— ... o autom óvel precisa conserto. Aquilo, dia sim , dia não, é um a peça que se parte...

E eram as únicas palavras de que m e lem brava frisantem ente — m esm o as únicas que eu estava certo de lhe ter ouvido. Entretanto as únicas que eu não podia adm itir que ele tivesse pronunciado...

Dem orei-m e ainda largas horas a rever o m eu estranho dia. Mas por fim adorm eci, levado num sono até alta m anhão...

Dois dias depois, sem prevenir ninguém , sem escrever um a palavra a Ricardo, eu tive *finalmente* a coragem de partir...



Ah! a sensação de alívio que experim entei ao descer enfim na gare do Quai d'Orsay : respirava, desenastrara-se-m e a alm a!...

Com efeito eu sofri sem pre as dores m orais na m inha alm a, fisicam ente. E a im pressão horrível que há m uito m e debelava era esta: que a m inha alm a se havia dobrado, contorcido, confundido...

Mas agora, ao ver-m e longe de tudo quanto m e m isturara, essa dor estranha diluíra-se: o m eu espírito, sentia-o destrinchado com o outrora.

Durante a viagem , pelo contrário, num a ânsia de chegar a Paris, as m

inhas torturas tinham -se enrubescido. Eu pensava que nunca chegaria a Paris, que era impossível haver triunfado, que sonhava com certeza — ou então que m e prenderiam no cam inho por engano; que m e obrigariam a tornar a Lisboa, que vinham no m eu encalço Marta, Ricardo, todos os m eus am igos, todos os m eus conhecidos...

E um calafrio de horror m e ziguezagueara ao ver entrar em Biarritz um hom em alto e loiro, no qual, de súbito, eu j ulguei reconhecer Sérgio Warginsky.

Mas olhando-o m elhor — *olhando-o pela primeira vez realmente* — sorri para m im próprio: o desconhecido apenas tinha do conde russo o ser alto e loiro...

Entanto agora j á não podia duvidar; *vencera*. Atravessara a Praça da Concórdia, m onum ental e aristocrática, tilintante de luzes...

De novo, ungindo-m e de Europa, alastrando-m e da sua vibração, se encapelava dentro de m im Paris — *o meu Paris*, o Paris dos m eus vinte e três anos...

E foram então os últim os seis m eses da m inha vida...

Vivi-os de existência diária, em banalidade, frequentando os cafés, os teatros, os grandes restaurantes...

Nas prim eiras sem anas — e m esm o depois, num a ou noutra hora — ainda pensei no m eu caso, m as nunca em brenhadam ente.

Afinal — pressentia — tudo aquilo, no fundo, era talvez bem m ais sim ples do que se m e afigurava. O *mistério* de Marta? Ora... ora... Fazem -se tantas loucuras... há tantas aventureiras...

E parecia-m e até que, se eu quisesse, num grande esforço, num a grande concentração, poderia explicar a m im próprio tudo quanto m e obcecara. Mas conclui que valia bem m elhor não explicar coisa algum a, esquecer tudo.

Esquecer é não ter sido. Se eu lograsse abolir o triste episódio da m inha recordação, era exactam ente com o se nunca o existira. E foi pelo que m e



esforcei.

Entretanto nunca podia deixar de pensar num a circunstância: a com placência inaudita de Ricardo — *a sua infâmia*. Então as coisas haviam chegado a ponto da sua m ulher ir atrás dele, quase com ele, a casa dum am ante? Pois se nós a não víram os, ela, por m ais distraída que cam inhasse, tinha-nos visto com certeza.

Mas nem por isso retrocedera!

E um turbilhão de pequeninas coisas m e ocorria j untam ente, m il factos sem im portância ao prim eiro exam e, m il porm enores insignificantes em que eu só agora atentava.

Há m uito que o m eu am igo descobrira tudo decerto; por força que há m uito soubera das nossas relações... Nem podia deixar de ser assim ... Só se fosse cego... Era pasm oso!...

E ele que m e queria sem pre ao lado da sua com panheira? Mudara de lugar à m esa, pretextando um a corrente de ar que nunca existira, só para que eu m e sentasse j unto de Marta e as nossas pernas se pudessem entrelaçar...

Se saíam os os três, eu ia ao lado dela... E nos nossos passeios de autom óvel, Ricardo tom ando sem pre o volante, sentávam o-nos os dois sozinhos no interior da carruagem ... bem chegados um ao outro... *de mãos dadas*. Sim ; pois logo os nossos dedos se nos enastravam — m aquinalm ente, intuitivam ente... Ah! e era im possível que ele o não observasse quando, m uita vez, se voltava para nos dizer qualquer coisa...

Mas — facto estranho — a verdade é que, nesses m om entos, eu nunca receara que ele visse as nossas m ãos; nunca m e perturbara, nem sequer esboçara nunca um gesto de as desenlear... Era com o se as nossas m ãos fossem soltas, e nós sentados m uito longe um do outro...

E dar-se-ia o m esm o com Sérgio? Oh, sem dúvida... *Ricardo estimava-o tanto...*

O m ais infam e, o m ais inacreditável, porém , era que *sabendo ele*, a sua am izade, as suas atenções, por m im e pelo russo aum entassem cada dia...

Que ele soubesse e entanto se calasse, por m uito am ar a sua com panheira e, acim a de tudo, não a querer perder — ainda se adm itia.

Mas então, ao m enos, que m ostrasse um a atitude nobre — que nos não adulasse, que não nos acariciasse...

Ah! com o tudo isto m e revoltava! Não propriam ente pela sua atitude; antes pela sua falta de orgulho. Eu não soube nunca desculpar um a falta de orgulho. E

sentia que toda a m inha am izade por Ricardo de Loureiro, soçobrara hoj e em face da sua baixeza. A sua baixeza! Ele que tanto m e gritara ser o orgulho a única qualidade cuj a ausência não perdoava em um carácter...

Mas devo esclarecer: ao pensar no extraordinário procedim ento do m eu am igo, nunca m e confrangiam as rem iniscências das m inhas antigas obsessões.

Esquecera-as por com pleto. Mesm o que as recordasse, im portância algum a j á

daria ao *mistério* — seguram ente *mistério* de pacotilha — ao m eu ciúm e, a tudo m ais...

Apenas às vezes, quando m uito, m e assaltava um a saudade vaga, esvaída em m elancolia, por tudo o que outrora m e torturara.

Som os sem pre assim : o tem po vai passando, e tudo se nos volve saudoso —

sofrim entos, dores até, decepções...

Com efeito, ainda hoj e, às tardes m aceradas, eu não sei evitar num a rem iniscência longínqua a saudade violeta de certa criaturinha indecisa que nunca tive, e m al roçou pela m inha vida. Por isto só: porque ela m e beij ou os dedos; e um dia, a sorrir, defronte dos nossos am igos, m e colocou em segredo o braço nu, m ordorado, sobre a m ão...

E depois logo fugiu da m inha vida, esguiam ente, em bora eu, por piedade —

doido que fui! — ainda a quisesse dourar de m im , num enternecim ento azul pelas suas carícias...

E sofri... ela era tão pouca coisa, m as a verdade é que sofri... sofri de ternura... Nunca lhe tive am or. Apenas ternura... um a ternura m uito suave...

penetrante... aquática...

Os meus afectos, meus esmó, foram sem pre ternuras...

Porém quando me acordava essa saudade branda do meu antigo sofrimento

— isto é: do corpo nu de Marta — no meu esmó instante ela se me diluía, ao lembrar-me da atitude infame de Ricardo.

E a minha revolta era cada vez maior.

Por felicidade, até aí, ainda não recebera uma carta do artista. Que nem a teria aberto, se a recebera...

Pessoa alguma conhecia o meu endereço. Saber-se-ia talvez que eu estava em Paris, devido a encontros fortuitos com vagos conhecidos.

Não com prava jornais portugueses. Se vinha no *Matin* qualquer telegrama de Lisboa, não o lia; e assim, em verdade quase triunfara esquecer-me de quem era... Entre a multidão cosmopolita, criava-me e alguém sem pátria, sem amarras, sem raízes em todo o mundo.

— Ah! que venturoso eu fora se não tivesse nascido em parte nenhuma e entretanto existisse... — lembrar-me muitas vezes estranhamente, nos meus passeios solitários pelos boulevards, pelas avenidas, pelas grandes praças...



Uma tarde, com o costume, folheava as últimas novidades literárias nas galerias do Odéon, quando deparei com um volume de capa amarela, recém -

aparecido, segundo a clássica tiragem. E diante dos meus olhos, em letras de brasa, o nome de Ricardo de Loureiro fulgurou...

Era com efeito a tradução francesa do *Diadema* que um editor arrojado acabara de lançar, revelando ao mundo uma literatura nova...

Nessa tarde, pela primeira vez desde que cheguei a Paris, tive algumas horas realmente lúcidas.

Durante elas me embrieguei e a pensar em Ricardo, no seu procedimento inqualificável, na sua inadmissível falta de orgulho.

Meditei em todos os pequenos episódios que atrás referi, descortinei outros ainda mais significativos, perdendo-me a querer descobrir todos os aspectos antes possíveis de Marta... E numa alucinação, não podia conceber que nenhum dos homens que eu vira um dia junto dela, não tivesse passado pelo seu corpo — *e sabendo-o o marido*: Luís de Monforte, Narciso do Amaral, Raul Vilar... todos, enfim, todos...

Entretanto, no meio disto, ainda havia qualquer coisa mais bizarra: era que nesta revolta, neste asco, neste ódio — sim, neste ódio! — por Ricardo, me irritava-se com o que um vago despeito, um ciúme e, um verdadeiro ciúme e dele próprio. *Invejava-o!* Invejava-o por *ela* me haver pertencido... a mim, ao conde russo, a todos mais!...

E esta sensação descera-me tão forte, essa tarde, que num relâmpago me voou pelo cérebro a ideia rubra de o assassinar — para satisfazer a minha inveja, o meu ciúme: *para me vingar dele!* ...

Mas voltei por fim à minha calma, e, perante o meu antigo amigo, só me restou o meu nojo, o meu tédio, e um desejo ardente de lhe escarrar na cara toda a sua indignidade, toda a sua baixeza, clamando-lhe:

— Olha que fomos os mesmos antes *dela*... eu e todos nós, ouves? *E todos sabemos que tu já o sabes!* ...

À noite, antes de adormecer, veio-me e ainda esta ideia perturbadora, num atordoamento luminoso:

— A sua baixeza... a sua falta de orgulho... Ah! mas se eu me engano... se eu

me engano... se é Marta quem lhe conta tudo... se ele conhece tudo só porque *ela* lho diz... se ela tem segredos para todos, menos para ele... com o eu queria...

com o eu *a* queria para mim ... Nesse caso... nesse caso...

E ao mesmo tempo — arrepiadamente, desarrazoadamente — acudiu-me e à lembrança a estranha confissão que Ricardo me fizera

um a noite, há tantos anos... no fim dum j antar... para o Bosque de Bolonha... no Pavilhão... no Pavilhão d'Arm enonville...

VII

Outubro de novecentos principiara.

Um a tarde, no Boulevard des Capucines, alguém de súbito m e gritou, batendo-m e no om bro:

— Ora até que enfim ! Andava exactam ente à sua procura...

Era Santa-Cruz de Vilalva, o grande em presário.

Tom ou-m e por um braço, fez-m e à viva força sentar j unto dele no terraço do La Paix, e pôs-se a barafustar-m e o espanto que a m inha falta de notícias lhe causara, tanto m ais que, poucos dias antes de desaparecer, eu lhe falara da m inha nova peça. Disse-m e que em Lisboa m uita gente perguntava por m im , que apenas vagam ente se sabia que eu estava em Paris por alguns portugueses que tinham vindo à Exposição. Em sum a: « Que dem ónio era isso, hom em ?

neurasténico pelo últim o correio?...»

Com o sucedia sem pre quando alguém m e fazia perguntas sobre a m inha form a de viver, fiquei todo perturbado — corei e titubeei quaisquer razões.

O grande em presário atalhou, exclam ando-m e:

— Bom . Mas antes de m ais nada, vam os ao im portante: dê-m e a sua peça.

Que não a concluía ainda, que não m e satisfazia...

E ele:

— Espero-o esta noite no m eu hotel... ali, no *Scribe*... Traga-m e a obra.

Quero ouvi-la hoj e... Que título?

— *A Chama*.

— Óptim o. Até logo... Prim eira em Abril. Últim a récita de assinatura. Preciso fechar a m inha estação com chave de ouro...

Fora-m e m uito desagradável o encontro que viera pôr term o ao m eu isolam ento de há seis m eses. Porém ao m esm o tem po, no fundo, a verdade é que eu não o lastim ava. Sem pre a literatura...

Desde que chegara a Paris, não escrevera um a linha — nem sequer j á m e lem brava de que era um escritor... E agora, de súbito, vinham -m e recordá-lo —

evidenciando o apreço em que se tinha o m eu nom e; e precisam ente alguém que eu sabia tão pouco lisonj eiro, tão brusco, tão hom em de negócios...

À noite, com o se com binara, li o m eu dram a. Santa-Cruz de Vilalva exultou:

« Trinta seguras!» punha as m ãos no fogo; « a m inha m elhor obra» — garantiu.

Entreguei-lhe o m anuscrito, m as com estas condições: Que não iria assistir aos ensaios nem m e ocuparia da distribuição, de porm enores alguns da m ise-en-scène. Da m ais ligeira coisa, enfim . Deixava tudo ao seu cuidado. Ah! e principalm ente que não m e escrevesse nem um a palavra sobre o assunto...

O grande em presário anuiu a tudo. Falám os ainda alguns instantes.

E ao despedirm o-nos:

— É verdade — disse — sabe quem m e perguntou várias vezes por si? se eu sabia de você... o seu endereço?... O Ricardo de Loureiro... Que o m eu am igo nunca m ais lhe tinha escrito... Tam bém represento um acto dele... em verso...

Boa noite...

Esquecera j á o m eu encontro com o em presário, a m inha peça, tudo — enfim tornara a m ergulhar no m eu antigo alheam ento, quando de súbito m e ocorreu um a ideia nova, inteiram ente diversa da prim eira, para o últim o acto da *Chama*: um a ideia belíssim a, grande, que m e entusiasma ou.

Não descansei enquanto não escrevi o novo acto. E um dia não pude resistir; parti com ele para Lisboa.

Quando cheguei, tinham com eçado os ensaios pouco antes.

Todos os meus intérpretes me abraçaram efusivamente. E Santa-Cruz de Vilalva:

— Ora... se eu não sabia já que ele havia de aparecer!... Quem não os conhecesse... São todos a meus amigos...

Os ensaios marchavam optimamente. Roberto Dávila, no papel de escultor, ia ter decerto uma das suas mais belas criações.

Passaram -se dois dias.

Coisa espantosa: ainda não falara do novo acto da minha peça, razão única por que decidira regressar a Lisboa contra todos os meus projectos, *contra toda a minha vontade*.

Entanto ao terceiro dia, enchendo-me de coragem (foi certo: precisei encher-me de coragem) disse ao em presário o motivo que me trouxera de Paris.

Santa-Cruz de Vilalva pediu-me o meu manuscrito, sem consentir, porém , que eu lho lesse.

E na manhã seguinte:

— Homem ! — gritou-me — Você está maluco! O antigo é um a obra-prima.

Este, perdoe-me... Posso dizer-lhe a minha opinião franca?...

— Sem dúvida... — volvi, já perturbado.

— Um disparate!...

Uma raiva excessiva me afogueou perante a boçalidade do em presário, a sua pouca clarividência. Pois se algum as vezes eu adivinhara nas minhas obras alguma coisa do génio, era nessas páginas. Mas tive a força de me conter.

Não sei bem o que depois se seguiu. O certo é que tudo acabou por o drama ser retirado de ensaios, visto eu não consentir que o representassem com o motivo último do acto, e a meu pressa se negar terminantemente a montá-lo, conforme o parecer do director e dos principais intérpretes.

Quebrei as relações com um e com outros, e exigi que me

entregassem todas as cópias do m anuscrito e os papéis. A m inha exigência foi estranhada —

lem bro-m e bem — sobretudo pelo m odo violento com o a fiz.

Ao chegar a m inha casa — j untam ente com o m anuscrito original, lancei tudo ao fogo.



Tal foi o destino da m inha últim a obra...

Decorreram algum as sem anas.

As dores físicas do m eu espírito tinham regressado; m as agora dores inj ustificadas — dores pelo m enos cuj a razão eu desconhecia.

Desde que chegara a Lisboa — era claro — não procurara ainda nenhum dos m eus com panheiros. Às vezes parecia-m e até que gente, que em tem pos eu conhecera, m e evitava. Eram literatos, dram aturgos, j ornalistas, que decerto pretendiam lisonj ear assim o grande em presário de quem todos m ais ou m enos dependiam , hoj e ou am anhá.

Só um a coisa m e adm irava: Ricardo, pela sua parte, não m e tinha procurado nunca. O que, de resto, ao m esm o tem po se m e afigurava bem explicável; o m ais natural até: ele percebera sem dúvida os m otivos do m eu afastam ento, e por isso se retraíra, sensatam ente.

Estim ava bastante que tivesse procedido assim . Caso contrário ter-se-ia dado entre nós um a cena m uito desagradável. Em face dele, eu não saberia reprim ir os m eus insultos.

O caso da *Chama* aborrecera-m e deveras. Um a grande náusea m e subira por tudo quanto tocava à arte no seu aspecto m ercantil. Pois só o *comércio* condenara a versão nova da m inha peça: com efeito, em vez de ser um acto m eram ente teatral, de acção intensa m as lisa, com o o prim itivo — o acto novo era profundo e inquietador; rasgava véus sobre o além .

Num últim o tédio com ecei vagabundeando dias inteiros pelas ruas da cidade, à toa, por bairros afastados de preferência...

Lem bro-m e de que seguia por avenidas, dobrava por travessas, ansioso, quase a correr: com o alguém, enfim, que debalde procurasse um a pessoa que m uito desejasse encontrar — não sei porquê, fiz esta com paração às vezes.

Em geral à noite, febril, cheio de cansaço, aturdido, recolhia cedo a casa, dormindo dum sono estagnado até de manhã... para recomçar o meu devaneio...

Facto curioso: nunca me lembrei durante este período de regressar a Paris, e volver-me ao meu tranquilo isolamento d'alma. Não porque me desagradasse hoje e essa maneira de viver. Apenas tal recurso nunca me passou pela ideia...

Um manhã vi de súbito alguém atravessar a rua, dirigindo-se ao meu encontro...

Quis fugir. Mas os pés enclavinharam-se-me no solo. Ricardo, ele próprio, estava em minha frente...

Não me podem lembrar — de banais que foram, por certo — as primeiras palavras que trocámos. Segurante o poeta me disse o espanto que a minha

desaparição lhe causara, que lhe causava o meu procedimento actual.

Fosse com o fosse, falara-me num tom de grande tristeza, e em toda a sua figura havia a expressão dum sincero desgosto. É possível que ao expor-me e tudo isso, os seus olhos estivessem húmidos de lágrimas.

Pelo meu lado, desde que o tinha em face de mim, ainda não pudera reflectir; aturdiame um denso véu de bruma — tal com o na última tarde que passara com o meu amigo.

Escutei em silêncio os seus queixumes, até que, de repente —

desenvencilhado, desperto — me não soube conter, com o recear, e lhe com ecei gritando todo o meu ódio: a minha revolta, o meu nojo...

A sua expressão dolorosa não se transformou com as minhas palavras — o artista pareceu-me esmo não as estranhar, com o se eu lhe desse a resposta mais natural ao que me contara. Apenas só agora, indubitavelmente, as lágrimas lhe desciam pelo rosto; *mas não era diversa da primeira dor que as provocava.*

E eu acabei:

— ... Tinha-m e atascado na lam a... Por isso fugi... por essa ignomínia...

Ouves? ouves!?...

Todo ele trem eu então. Velou-lhe o rosto um a som bra...

Deteve-se um instante e, por fim , num a voz m uito estranha, sum ida, húm ida

— tão singular que nem parecia vir da sua garganta, com eçou:

— Ah! com o te enganas... Meu pobre am igo! Meu pobre am igo!... Doido que eu era no m eu triunfo... Nunca m e lem brei de que os m ais o não entenderiam ...

Escuta-m e! Escuta-m e!... *Oh! tu hás-de me escutar! ...*

Sem vontade própria, esvaído, em silêncio, eu acom panhava-o com o que arrastado por fios d'ouro e lum e, enquanto ele se m e j ustificava:

— Sim ! Marta foi tua am ante, e não foi só tua am ante... Mas eu não *soube* nunca quem eram os seus am antes. Ela é que m o dizia sem pre... *Eu é que lhos mostrava sempre! ...*

« Sim ! Sim ! Triunfei encontrando-a!... Pois não te lem bras j á, Lúcio, do m artírio da m inha vida? Esqueceste-o?... Eu não podia ser am igo de ninguém ...

não podia experim entar affectos... Tudo em m im ecoava em ternura... eu só adivinhava ternuras... E, em face de quem as pressentia, só m e vinham desej os de carícias, desej os de posse — para *satisfazer* os m eus enternecim entos, sintetizar as m inhas am izades...»

Um relâm pago de luz ruiva m e cegou a alm a.

O artista prosseguiu:

— Ai, com o eu sofri... com o eu sofri!... Dedicavas-m e um grande affecto; eu queria vibrar esse teu affecto — isto é: retribuir-to; e era-m e im possível!... Só se te beij asse, se te enlaçasse, se te possuísse... Ah! m as com o *possuir* um a criatura do nosso sexo?...

« Devastação! Devastação! Eu via a tua am izade, nitidam ente a via, e

não a lo grava sentir!... Era toda de oiro falso...

« Um a noite porém finalm ente, um a noite fantástica de branca, triunfei!



Achei-A... sim , *criei-A!... criei-A...* Ela é só m inha — entendes? — é só m inha!

... Com preendem o-nos tanto, que Marta é com o se fora a m inha própria alm a.

Pensam os da m esm a m aneira; igualm ente sentim os. *Somos nós-dois...* Ah! e desde essa noite eu soube, em glória soube, vibrar dentro de m im o teu affecto —

retribuir-to: m andei-A ser tua! *Mas, estreitando-te ela, era eu próprio quem te estreitava...* Satisfiz a m inha ternura: venci! E ao possuí-la, eu sentia, *tinha nela*, a am izade que te devera dedicar — com o os outros sentem na alm a as suas afeições. Na hora em que a achei — tu ouves? — foi com o se a m inha alm a, sendo sexualizada, se tivesse m aterializado. *E só com o espírito te possuí materialmente!* Eis o m eu triunfo... Triunfo inigualável! Grandioso segredo!...

« Oh!

m as

com o

eu

hoj e

sofro...

com o

sofro

outra

vez

despedaçadoram ente...

« Julgaste-m e tão m al... Enoj aste-te... gritaste à infâm ia, à
baixeza... e o m eu orgulho ascendia cada aurora m ais alto!...
Fugiste... E, em verdade, fugiste de ciúm e... Tu não eras o m eu único
am igo — eras o prim eiro, o m aior — m as tam bém por um outro eu
oscilava ternuras... Assim a m andei beij ar esse outro...

Warginsky, tens razão, Warginsky ... Julgava-o tão m eu am igo...
parecia-m e tão espontâneo... tão leal... *tão digno dum affecto*... E
enganou-m e... enganou-m e...

Atónito, eu ouvia o poeta com o que hipnotizado — m udo de espanto,
sem poder articular um a palavra...

A sua dor era bem real, bem sincero o seu arrependim ento; e observei
que o tom da sua voz se m odificara, aclarando-se ao referir-se ao
conde russo — para logo de novo se velar, dizendo:

— Que valem os outros, entanto, em face da tua am izade? Coisa
algun a!

Coisa algum a!... Não m e acreditas?... Ah! m as é preciso que m e
acredites...

que m e com preendas... Vem !... Ela é só m inha! Pelo teu affecto eu
trocaria tudo

— *mesmo o meu segredo*. Vem !

Depois, foi um a vertigem ...

Agarrou-m e violentam ente por um braço... obrigou-m e a correr com
ele...

Chegám os por fim diante da sua casa. Entrám os... galgám os a
escada dum salto...

Ao atravessarm os o vestíbulo do prim eiro andar, houve um porm
enor insignificante, o qual, não sei porquê, nunca olvidei: em cim a
dum m óvel onde os criados, habitualm ente, punham a
correspondência, estava um a carta... Era um grande sobrescrito tim
brado com um brasão a ouro...

É estranho que num m inuto culm inante com o este, eu pudesse

reparar em tais ninharias. Mas o certo foi que o brasão dourado m e bailou alucinador em frente



dos olhos. Entretanto não pude ver o seu desenho — vi só que era um brasão dourado e, ao m esm o tem po — coisa m ais estranha — *pareceu-me que eu próprio já recebera um sobrescrito igual àquele.*

O m eu am igo — ainda que preso dum a grande excitação — abriu a carta, leu-a rapidam ente, e logo a am arfanhou arrem essando-a para o sobrado...

Depois, torceu-m e o braço com m aior violência.

Em redor de m im tudo oscilou... Sentia-m e disperso d'alm a e corpo entre o rodopio que m e silvava... tinha receio de haver caído nas m ãos dum louco...

E num a voz ainda m ais velada, m ais singular, m ais falsa — isto é: m elhor do que nunca parecendo vir doutra garganta — Ricardo gritava-m e num delírio:

— Vam os ver! Vam os ver!... Chegou a hora de dissipar os fantasm as... Ela é só tua! é só tua... hás-de m e acreditar!... Repito-te: foi com o se a m inha alm a, sendo sexualizada, se m aterializasse para te possuir... Ela é só m inha! É só m inha! Só para ti a procurei... Mas não consinto que nos separe... Verás...

Verás!...

E no m eio destas frases incoerentes, *impossíveis*, arrastava-m e correndo num a fúria para os aposentos da sua esposa, que ficavam no segundo andar.

(Porm enor curioso: nesse m om ento eu não tinha a sensação de que eram *impossíveis* as palavras que ele m e dizia; apenas as j ulgava cheias da m aior angústia...)

Tínham os chegado. Ricardo em purrou a porta brutalm ente...

Em pé, ao fundo da casa, diante dum a j anela, Marta folheava um livro...

A desventurada m al teve tem po para se voltar... Ricardo puxou dum

revólver que trazia escondido no bolso do casaco e, antes que eu pudesse esboçar um gesto, fazer um movimento, desfechou-lho à queimadura...

Marta tomou um inanimado no solo... Eu não arredara pé do limiar...

E então foi o Mistério... o fantástico Mistério da minha vida...

Ó assombroso! Ó quebranto! *Quem jazia estirado junto da janela, não era Marta — não! — era o meu amigo, era Ricardo... E aos meus pés — sim, aos meus pés! — caíra o seu revólver ainda fumegante!...*

Marta, essa desaparecera, evolara-se em silêncio, com o se extinguir um a chama...

Aterrado, soltei um grande grito — um grito estridente, despedaçador — e, possesso de medo, de olhos fora das órbitas e cabelos erguidos, precipitei-me e num instante louca... por entre corredores e salões... por escadarias...

Mas os criados acudiram ...

... Quando pude raciocinar, juntei duas ideias, em suma: quando despertei deste pesadelo alucinante, infernal, que fora só a realidade, *a realidade inverossímil* — achei-me e preso num calabouço do Governo Civil, guardado à vista por um sentinela...

VIII

Pouco mais me resta a dizer. Pudera mesmo deter-se aqui a minha confissão.

Entretanto ainda algumas palavras juntei.

Convém passar rapidamente sobre o processo. Ele nada apresentou que valha a pena referir. Pela minha parte, nem por um instante tentei desculpar-me e do crime e de que era acusado. Com o inverossímil, ninguém se justifica. Por isso me calei.

O apelo do meu advogado, brilhantíssimo. Deve ter dito que, no fundo, a verdadeira culpada do meu crime era Marta, a qual desaparecera e que a polícia, segundo creio, procurou em vão.

No meu crime subentenderam-se causas passionais, seguraram-me. A minha atitude era romanesca de esfíngica. Assim pairou sobre tudo um vago ar de mistério. Daí, a benevolência do júri.

Entanto devo acentuar que sobre o m eu j ulgam ento conservo rem iniscências m uito indecisas. A m inha vida ruíra toda no instante em que o revólver de Ricardo tom bara aos m eus pés. Em face a tão fantástico segredo, eu abism aram e. Que m e fazia pois o que volteava à superfície?... Hoj e, a prisão surgia-m e com o um descanso, *um termo...*

Por isso, as longas horas fastidiosas passadas no tribunal, eu só as vi em brum a

— com o sobrepostas, *a desenrolarem-se num cenário que não fosse precisamente aquele em que tais horas se deveriam consumir...*

Os m eus « am igos », com o sem pre acontece, abstiveram -se: nem Luís de Monforte — que tanta vez m e protestara a sua am izade — nem Narciso de Am aral, em cuj o affecto eu tam bém crera. Nenhum deles, num a palavra, m e veio visitar durante o decorrer do m eu processo, *animar-me*. Que a m im , de resto, coisa algum a m e *animaria*.

Porém , no m eu advogado de defesa fui achar um verdadeiro am igo.

Esqueceu-m e o seu nom e; apenas m e recordo de que era ainda novo e de que a sua fisionom ia apresentava um a sem elhança notável com a de Luís de Monforte.

Mais tarde, nas audiências, havia de observar igualm ente que o j uiz que m e interrogava se parecia um pouco com o m édico que m e tinha tratado, havia oito anos, de um a febre cerebral que m e levava às portas da m orte.

Curioso que o nosso espírito, sabendo abstrair de tudo num a ocasião decisiva, não deixe entanto de frisar pequenos detalhes com o estes...

Passaram velozes os m eus dez anos de cárcere, j á o disse.

De resto, a vida na prisão onde cum pri a m inha sentença não era das m ais duras. Os m eses corriam serenam ente iguais.

Tínham os um a larga cerca onde, a certas horas, podíam os passear, sem pre sob a vigilância dos guardas, que nos vigiavam m isturados connosco e que às vezes até nos dirigiam a palavra.

A cerca term inava num grande m uro, um grande paredão sobre um a

rua larga — m elhor: sobre um a espécie de largo onde se cruzavam várias ruas. Em frente — porm enor que se m e gravou na m em ória — havia um quartel am arelo (ou talvez outra prisão).

O prazer m aior de certos detidos, era de se debruçarem do alto do grande m uro, e olharem para a rua; isto é: para a vida. Mas os carcereiros, m al os descobriam , logo brutalm ente os m andavam retirar.

Eu poucas vezes m e acercava do m uro; apenas quando algum dos outros prisioneiros m e cham ava com insistência, por grandes gestos m isteriosos, pois nada m e podia interessar do que havia para lá dele.

Mesm o, nunca soubera evitar um arrepio árido de pavor ao debruçar-m e a esse paredão e ao vê-lo esgueirar-se, dum a grande altura — enegrecido, lezardento, escalavrado — sobre raros indícios de um a velha pintura am arela.

Nunca tive que m e queixar dos guardas, com o alguns dos m eus com panheiros que, em voz baixa, m e contavam os m aus tratos de que eram vítimas.

E o certo é que, às vezes, se ouviam de súbito, ao longe, uns gritos estranhos —

ora roucos, ora estridentes. E um dia um prisioneiro m ulato — decerto um m istificador — disse-m e que o tinham vergastado sem dó nem piedade com um as vergastas horríveis — *frias como água gelada*, acrescentara na sua língua de trapos...

Aliás, eu com raros dos outros prisioneiros m e m isturava. Eram — via-se bem

— criaturas pouco recom endáveis, sem ilustração nem cultura, vindas por certo dos bas-fonds do vício e do crim e.

Apenas m e aprazia durante as horas de passeio na grande cerca, falando com um rapaz louro, m uito distinto, alto e elançado. Confessou-m e que expiava igualm ente um crim e de assassinio. Matara a sua am ante: um a cantora francesa, célebre, que trouxera para Lisboa.

Para ele com o para m im , tam bém a vida parara — ele vivera tam bém o *momento culminante* a que aludi na m inha advertência. Falávam os por sinal m uita vez desses instantes grandiosos, e ele

então referia-se à possibilidade de fixar, *de guardar*, as horas m ais belas da nossa vida — fulvas de am or ou de angústia— e assim poder vê-las, ressentí-las. Contara-m e que fora essa a sua m aior preocupação na vida — *a arte da sua vida...*

Escutando-o, o novelista acordava dentro de m im . Que belas páginas se escreveriam sobre tão perturbador assunto!

Enfim , m as não quero insistir m ais sobre a m inha vida no cárcere, que nada tem de interessante para os outros, nem m esm o para m im .

Os anos voaram . Devido à m inha serenidade, à m inha resignação, todos m e tratavam com a m aior sim patia e m e olhavam carinhosam ente. Os próprios directores, que m uitas vezes nos cham avam aos seus gabinetes ou eles próprios nos visitavam , a conversar connosco, a fazerem -nos perguntas — tinham por m im as m aiores atenções.

... Até que um dia chegou o term o da m inha pena e as portas do cárcere se m e abriram ...

Morto, sem olhar um instante em redor de m im , logo m e afastei para esta vivenda rural, isolada e perdida, donde nunca m ais arredarei pé.

Acho-m e tranquilo — sem desej os, sem esperanças. Não m e preocupa o futuro. O m eu passado, ao revê-lo, surge-m e com o o passado dum outro.

Permaneci, mas já não me sou. E até à m orte real, só m e resta contem plar as horas a esgueirar-se em m inha face... *A morte real* — apenas um sono m ais denso...

Antes, não quis porém deixar de escrever sinceram ente, com a m aior sim plicidade, a m inha estranha aventura. Ela prova com o factos que se nos afiguram bem claros são m uitas vezes os m ais em aranhados; ela prova com o um inocente, m uita vez, se não pode j ustificar, porque a sua j ustificação é inverosím il — *embora verdadeira*.

Assim eu para que lograsse ser acreditado, tive prim eiro que expiar, em silêncio, durante dez anos, um crim e que não com eti...

A vida...

1-27 Setembro 1913 — Lisboa.

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

(1890-1916)

Atque in perpetuum, frater, ave atque vale!

CAT.

Morre jovem o que os Deuses amam, é um preceito da sabedoria antiga. E por certo a im aginação, que figura novos m undos, e a arte, que em obras os finge, são os sinais notáveis desse am or divino. Não concedem os Deuses esses dons para que sej am os felizes, senão para que sej am os seus pares. Quem am a am a só a igual, porque o faz igual com am á-lo. Com o porém o hom em não pode ser igual dos Deuses, pois o Destino os separou, não corre hom em nem se alteia deus pelo am or divino: estagna só deus fingido, doente da sua ficção.

Não m orrem j ovens todos a que os Deuses am am , senão entendendo-se por m orte o acabam ento do que constitui a vida. E com o à vida, além da m esm a vida, a constitui o instinto natural com que se a vive, os Deuses, aos que am am , m atam j ovens ou na vida, ou no instinto natural com que vivê-la. Uns m orrem ; aos outros, tirado o instinto com que vivam , pesa a vida com o m orte, vivem m orte, m orrem a vida em ela m esm a. E é na j uventude, quando neles desabrocha a flor fatal e única, que com eçam a sua m orte vivida.

No herói, no santo e no génio os Deuses se lem bram dos hom ens. O herói é um hom em com o todos, a quem coube por sorte o auxílio divino; não está nele a luz que lhe estreia a fronte, sol da glória ou luar da m orte, e lhe separa o rosto dos de seus pares. O santo é um hom em bom a que os Deuses, por m isericórdia, cegaram , para que não sofresse; cego, pode crer no bem , em si, e em deuses m elhores, pois não vê, na alm a que cuida própria e nas coisas incertas que o cercam , a operação irrem ediável do capricho dos Deuses, o j ugo superior do Destino. Os Deuses são am igos do herói, com padecem -se do santo; só ao génio, porém , é que verdadeiram ente am am . Mas o am or dos Deuses, com o por destino não é hum ano, revela-se em aquilo em que hum anam ente se não revelara am or. Se só ao génio, am ando-o, tornam seu igual, só ao génio dão, sem que queiram , a m aldição fatal do abraço de fogo com que tal o afagam . Se a quem deram a beleza, só seu atributo, castigam com a consciência da m ortalidade dela; se a quem deram a ciência, seu atributo tam bém , punem com o conhecim ento do que nela há de eterna lim itação; que

angústias não farão pesar sobre aqueles, génios do pensam ento ou da arte, a quem , tornando-os criadores, deram a sua m esm a essência? Assim ao génio caberá, além da dor da m orte da beleza alheia, e da m ágoa de conhecer a universal ignorância, o sofrim ento próprio, de se sentir par dos Deuses sendo hom em , par dos hom ens sendo deus, êxul ao m esm o tem po em duas terras.

Génio na arte, não teve Sá-Carneiro nem alegria nem felicidade nesta vida. Só a arte, que fez ou que sentiu, por instantes o turbou de consolação. São assim os que os Deuses fadaram seus. Nem o am or os quer, nem a esperança os busca,

nem a glória os acolhe. Ou m orrem j ovens, ou a si m esm os sobrevivem , íncolas da incom preensão ou da indiferença. Este m orreu j ovem , porque os Deuses lhe tiveram m uito am or.

Mas para Sá-Carneiro, génio não só da arte m as da inovação nela, j untou-se, à indiferença que circunda os génios, o escárnio que persegue os inovadores, profetas, com o Cassandra, de verdades que todos têm por m entira. *In qua scribebat, barbara terra fuit.* Mas, se a terra fora outra, não variara o destino.

Hoj e, m ais que em outro tem po, qualquer privilégio é um castigo. Hoj e, m ais que nunca, se sofre a própria grandeza. As plebes de todas as classes cobrem , com o um a m aré m orta, as ruínas do que foi grande e os alicerces desertos do que poderia sê-lo. O circo, m ais que em Rom a que m orria, é hoj e a vida de todos; porém alargou os seus m uros até os confins da terra. A glória é dos gladiadores e dos m im os. Decide suprem o qualquer soldado bárbaro, que a guarda im pôs im perador. Nada nasce de grande que não nasça m aldito, nem cresce de nobre que se não defínhe, crescendo. Se assim é, assim sej a! Os Deuses o quiseram assim .

FERNANDO PESSOA

Originalm ente publicado em “Athena”, nº 2. Lisboa: Novem bro 1924.

Digitalização disponível na [Biblioteca Digital da Casa Fernando Pessoa](#).



Mário de Sá-Carneiro (1890-1916)

« Mas hoje já não sei com que sonhos me robustecer. Acastelei os maiores... eles próprios me fartaram : são sem pressões - é impossível achar outros...»

Document Outline

- Capa
- Título
- Ficha Técnica
- Dedicatória
- Epígrafe
- A Confissão de Lúcio
 - Capítulo I
 - Capítulo II
 - Capítulo III
 - Capítulo IV
 - Capítulo V
 - Capítulo VI
 - Capítulo VII
 - Capítulo VIII
- Mário de Sá-Carneiro, por Fernando Pessoa
- Contracapa